OURO BRANCO E SEU PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Ouro Branco – RN
2011

ASSOCIAÇÃO CULTURAL OUROBRANQUENSE - ASCOBRAS

CONSELHO GESTOR

Presidente: GENILDO DA SILVA MEDEIROS
Secretário: MARLÚCIO CUNHA DE AZEVEDO
Tesoureiro: JOSÉ FRANCISCO DE FIGUEIREDO
Conselheiro: MARCOS ANTÔNIO DE MORAIS COSTA

CONSELHO CONSULTIVO

Presidente: LUÍS FIGUEIREDO
Membro: ZULAMAR JUAREZ DE SOUSA
Membro: CLÉCIO DE AZEVEDO LUCENA

CONSELHO FISCAL

Membro: LUÍS CARLOS DE ARAÚJO
Membro: FRANCISCO ASSIS DA SILVA
Membro: MARLITO M. FIGUEIREDO DE SOUZA

Equipe de produção:

José Ozildo dos Santos
Rosélia Maria de Sousa Santos
Almair de Albuquerque Fernandes

Seria muito para desejar que as inscrições e pinturas indianas dos rochedos do Brasil fossem cuidadosamente desenhadas ou fotografadas, o mais breve possível; porque, expostas, como estão, aos elementos e não sendo objeto de um cuidado especial, cada ano, que se passa, as tornará menos distintas e, se não forem preservadas por esse ou por qualquer outro meio, com elas desaparecerá a última esperança, que alimentamos, de conhecer a vida dos habitantes pré-históricos do Brasil. O fato de nenhuma interpretação se haver dado a esses rudes grifos deve ser um incentivo para sua compilação e estudo.

J. C. Branner, geólogo norte-americano
(Inscrições e rochedos do Brasil, 1885)

APRESENTAÇÃO

De forma consciente e responsável, no final do ano passado, o vereador Genildo da Silva Medeiros solicitou à Presidência da Câmara Municipal de Ouro Branco, que fosse encaminhado ofícios ao presidente da Fundação José Augusto, bem como ao Magnífico Reitor da UFRN e Diretor Regional do IPHAN, comunicando a existência do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, no município de Ouro Branco, Estado do Rio Grande do Norte e mostrando a necessidade de promover estudos no local.

Ainda em dezembro de 2010, o Professor Dr. Valdeci dos Santos Júnior, membro do Departamento de História da UERN, veio à cidade de Ouro Branco e realizou estudos preliminares no referido sítio arqueológico, definindo suas coordenadas geográficas e incorporando-o ao acervo arqueológico do estado do Rio Grande do Norte, elaborando, na oportunidade, sua ficha de identificação para o Núcleo de Estudos Arqueológico, do DH/UERN.

De forma errônea, durante muito tempo, o mencionado sítio arqueológico foi considerado como sendo parte integrante do vizinho município paraibano de São José do Sabugi. E, graças à insistência e aos esforços do Dr. Genildo da Silva Medeiros - que vem se destacando por sua atuação parlamentar na Câmara

Municipal de Ouro Branco - o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada passou a ser reconhecido como parte integrante do território ourobranquense.

Localizado na Comunidade Riacho Verde, o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada é composto por formações rochosas em granitos e se encontra no leito do Rio Raposa, sendo composto por gravuras rupestres. Os principais caracteres que compõem o referido sítio encontram-se localizados na parte interna e externa de uma espécie de caldeirão, no meio do referido curso d'água.

Por sua dimensão e número de caracteres, o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, de Ouro Branco, constitui-se num dos principais patrimônios arqueológicos do Seridó norteriograndense. Por isso, precisa ser conhecido para ser valorizado e preservado de forma consciente e responsável.

José Ozildo dos Santos
Rosélia Maria de Sousa Santos
Almair de Albuquerque Fernandes

A REGIÃO DO SERIDÓ

A região do Seridó encontra-se localizada no semi-árido do Nordeste brasileiro e está situada na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte, compreendendo uma superfície de 6.970,60 km², o que representa 13,08% do território estadual. Essa região possui clima quente com temperaturas que chegam a 35°C, apresentando também baixa pluviosidade, conjunto de fatores estes que ocasionam danos ambientais, populacionais e econômicos. Em 1989, foi a referida região dividida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em Seridó Oriental e Ocidental. Na parte Ocidental, encontramos os seguintes municípios: Caicó, Ipueira, Jardim de Piranhas, S. Fernando, São João do Sabugi, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas, enquanto que no Seridó Oriental, temos: Acari, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó e S. José do Seridó.



Ilustração 1 – Mapa do Rio Grande do Norte, com destaque para a região do Seridó

De acordo com a estimativa divulgada pelo IBGE para 2011, o Seridó Oriental conta com uma população de 119.157 habitantes, ocupando uma área de 3.825,07 km² e tendo como principal núcleo urbano a cidade de Currais Novos, com uma população de 42.795 habitantes. Já o Seridó Ocidental, com uma área territorial de 3.114,2 km², tem uma população estimada em 98.302 habitantes e o município de Caicó, seu maior pólo, apresenta uma população de 63.147 habitantes.

Em seu contexto, o Seridó potiguar tem despontado como uma área referencial no estudo das representações rupestres, pelo longo tempo de permanência de grupos de pesquisas nas áreas estudadas e conseqüentes acúmulos de resultados sistemáticos. Todo o seu território encontra-se inserido no polígono das secas, sendo cortado pelos rios Piranhas (o mais importante recurso hídrico da região) e o Seridó, com seus respectivos tributários, constituindo-se numa área de influência mútua de grupos humanos que viveram em seus diferentes espaços.

OURO BRANCO: Caracterização do espaço físico

Localizado na Microrregião do Seridó Oriental, o município de Ouro Branco fica a 264 km da capital, limitando-se ao norte com Jardim do Seridó, ao sul com o município paraibano de Várzea, a leste com Jardim do Seridó e Santana do Seridó e ao oeste, com Caicó.

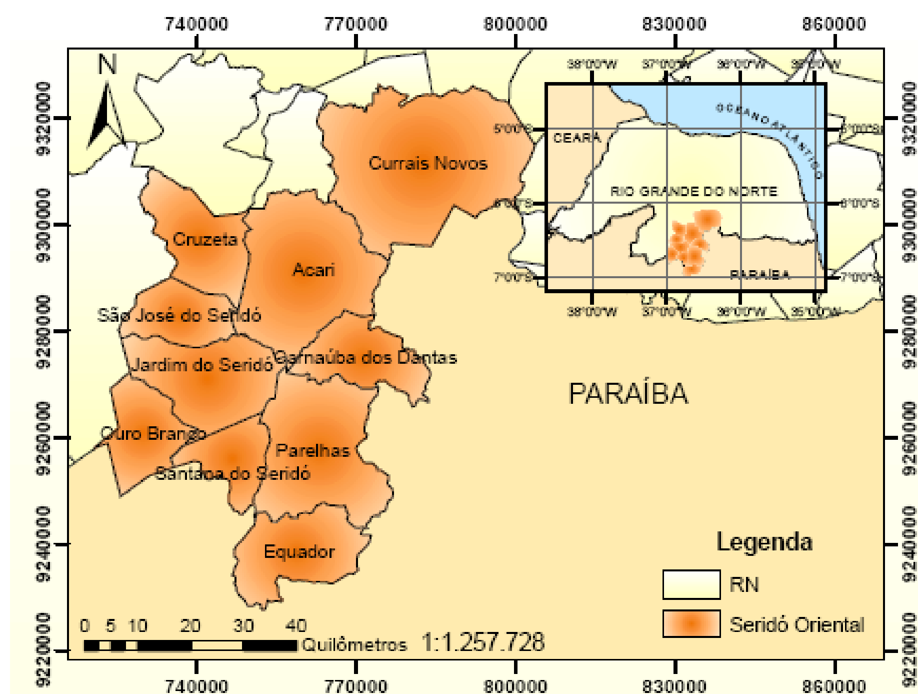


Ilustração 2 - Localização do Seridó Oriental no Rio Grande do Norte

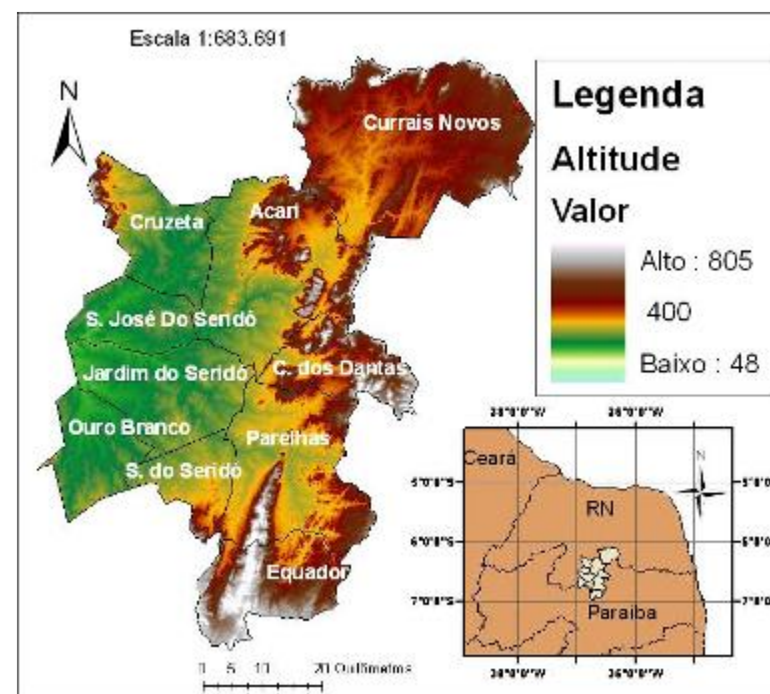


Ilustração 3 - Relevo do Seridó Oriental

Seu clima é tropical, megatérmico, do tipo muito quente e semi-árido, registrando temperaturas que oscilam entre 25 a 35º C. Em média, sua pluviosidade é em torno de 520 mm anuais.

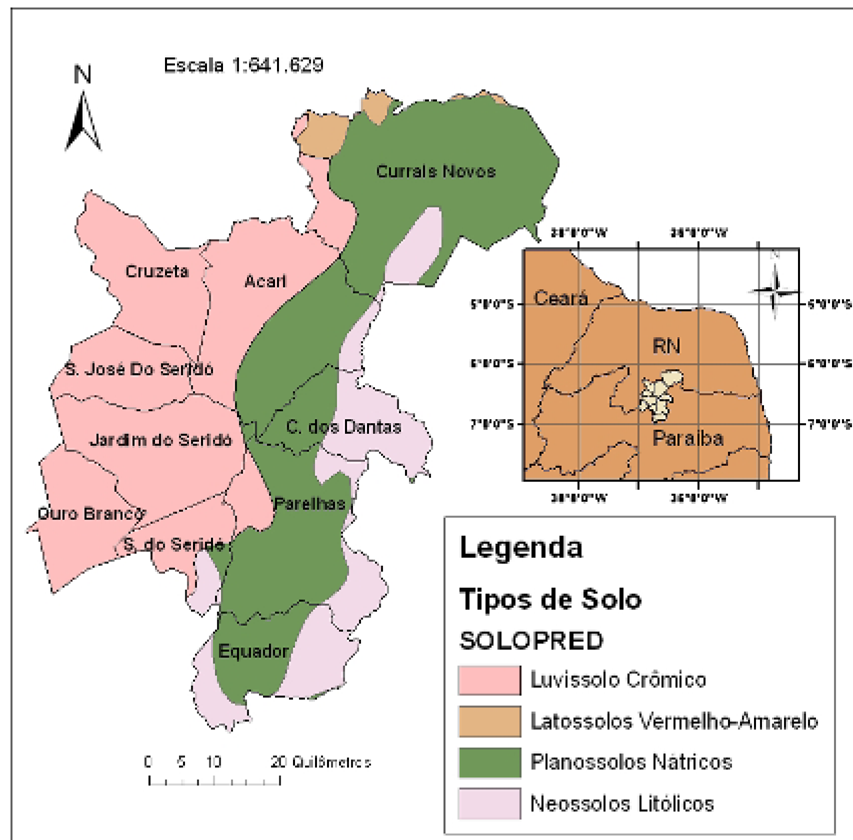


Ilustração 4 - Mapa de Solos do Seridó Oriental

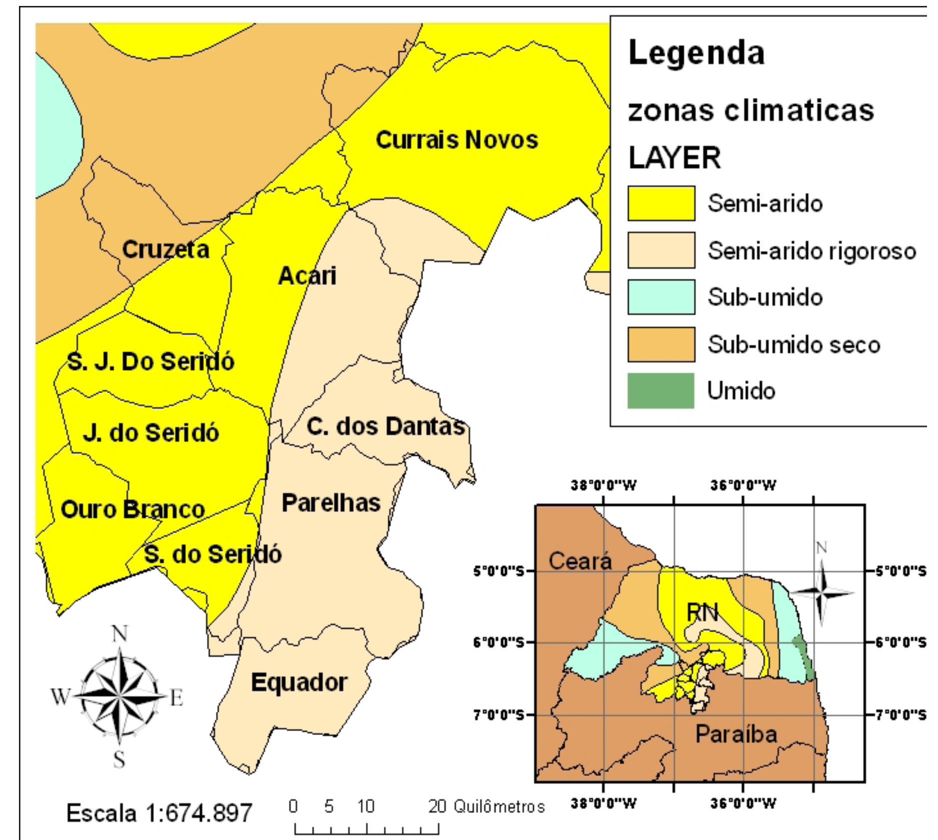


Ilustração 5 - Mapa do clima do Seridó Oriental

Ouro Branco apresenta um relevo modesto de 100 a 200 metros de altitude. Predominam no município solos minerais poucos desenvolvidos e bastantes suscetíveis à erosão, o que oferece restrições à agricultura, principalmente, por que apresentarem pouca profundidade.

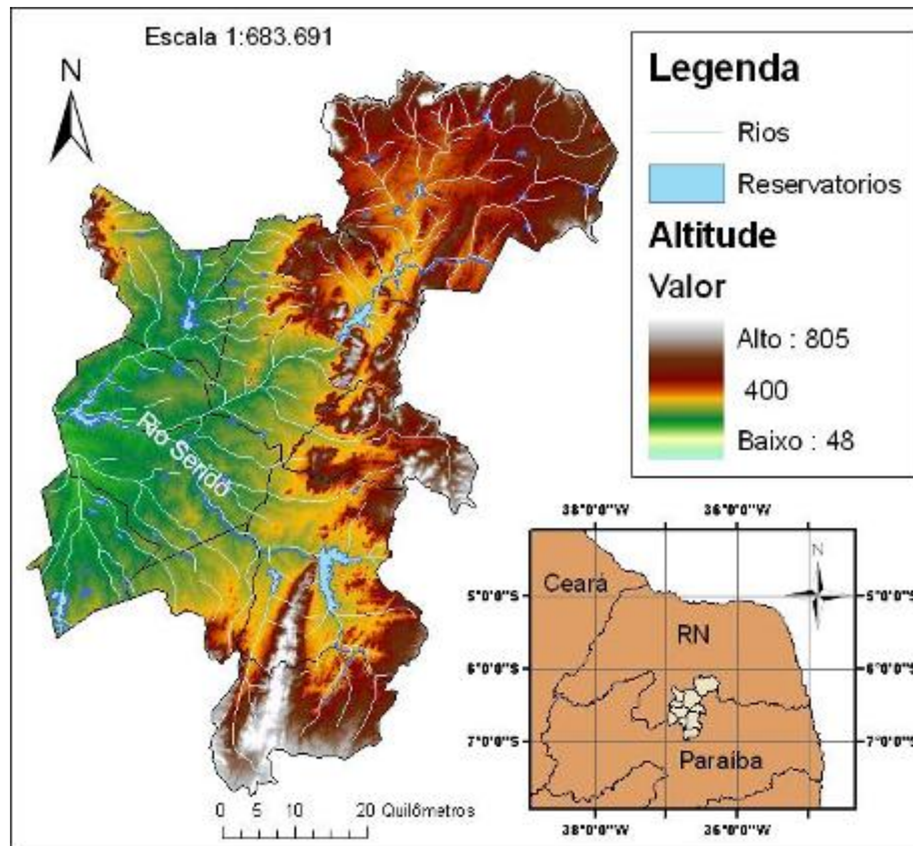


Ilustração 6 - Mapa da Hidrografia relacionada com o relevo

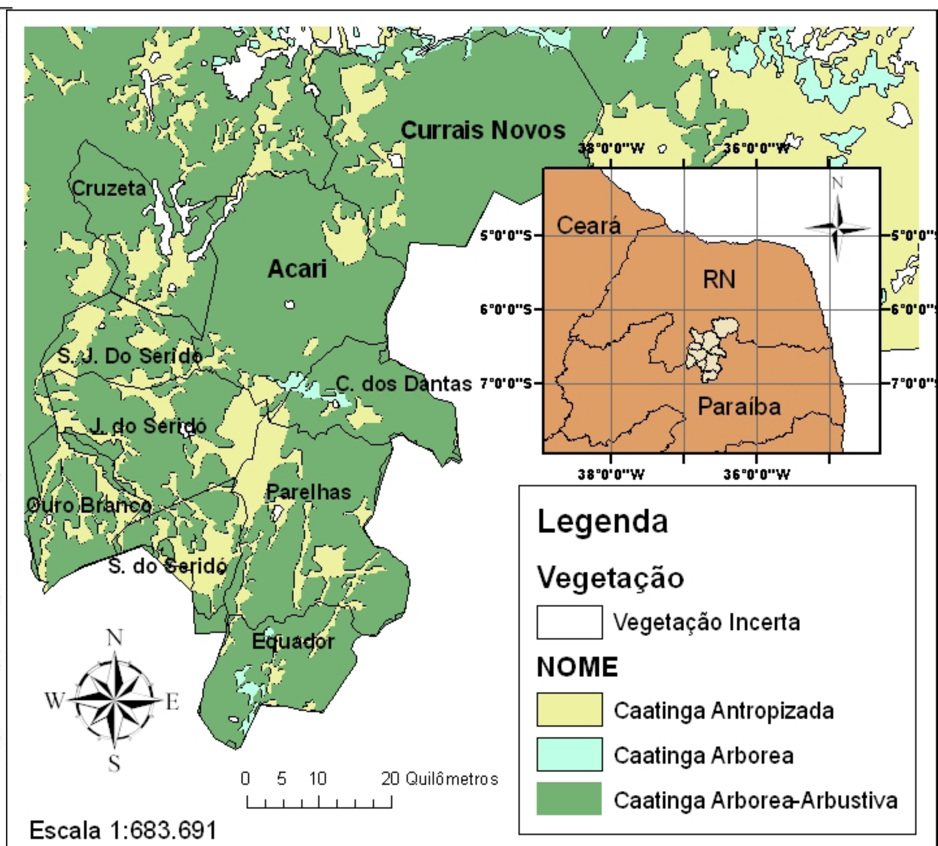


Ilustração 7 - Mapa da vegetação do Seridó Oriental

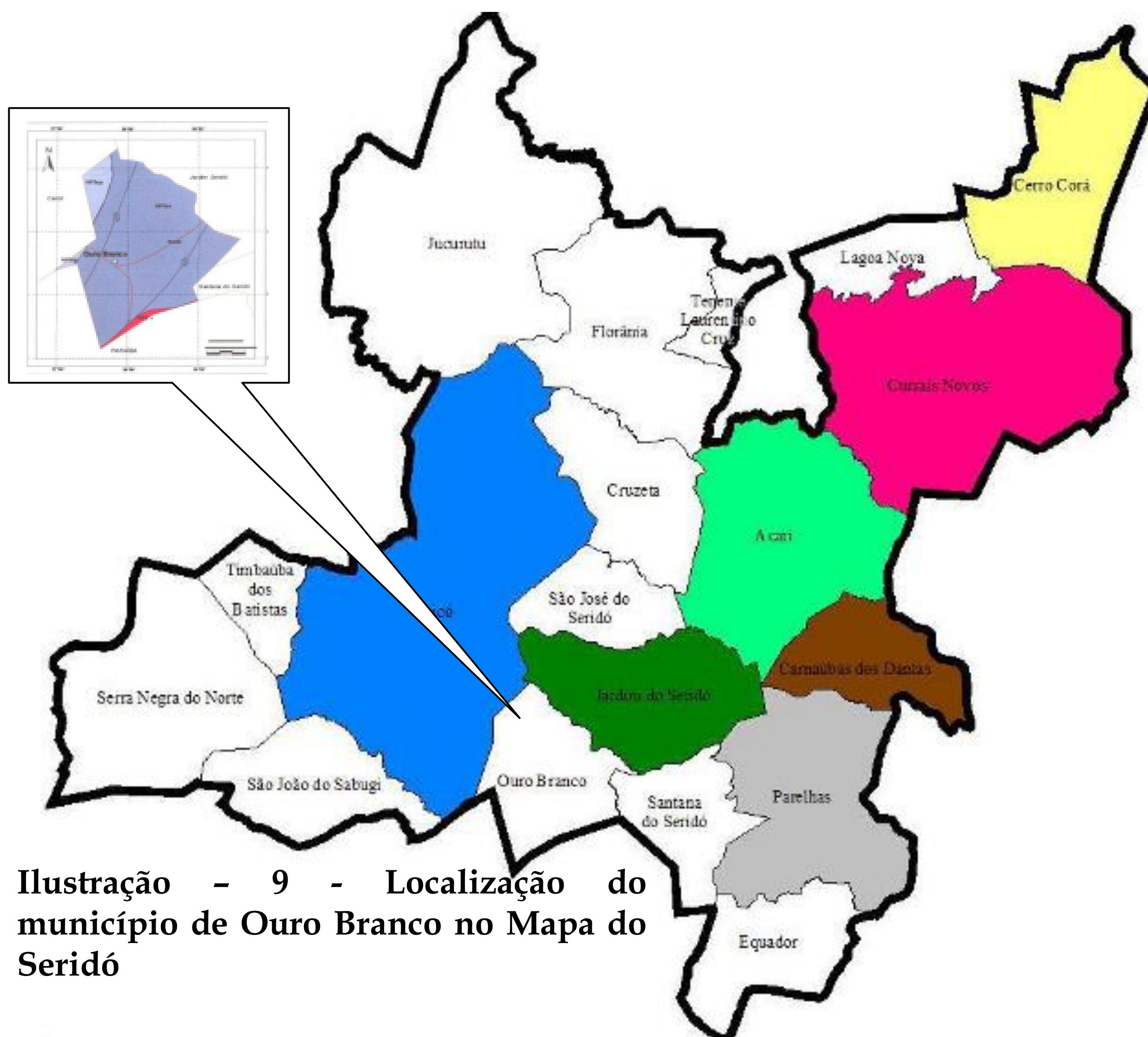


Ilustração – 9 - Localização do município de Ouro Branco no Mapa do Seridó

Cidade pequena, mas bastante acolhedora, Ouro Branco vem se destacando na região do Seridó potiguar por suas festividades, merecendo destaque para seu Carnaval, a Festa da Colheita, que é realizada no mês de junho e a tradicional Festa do Padroeiro (Divino Espírito Santo), que é comemorado no dia 4 de outubro de cada ano.

No setor comercial, o município possui uma variedade de pequenos e médios estabelecimentos, típicos das cidades do interior nordestino.

De acordo com o um último Censo realizado pelo IBGE, a população do município de Ouro Branco é de 4.620 habitantes. Contudo, a estimativa divulgada para 2011, traz para o referido município uma população de 4.701 habitantes.



Ilustração 10 - Localização do município de Ouro Branco no Mapa do Rio Grande do Norte

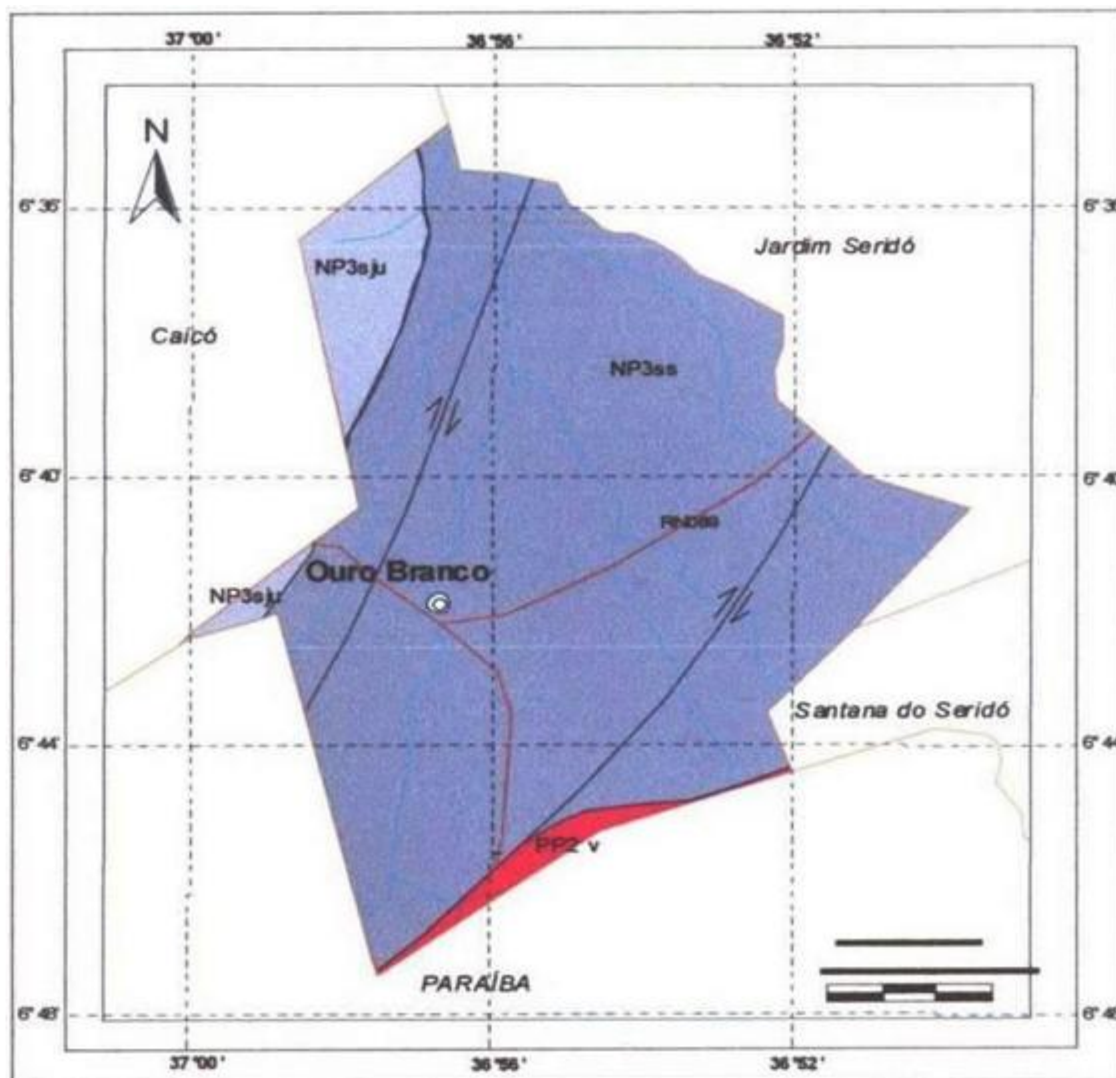


Ilustração 11 – Mapa geológico do município de Ouro Branco - RN

No território ourobranquense, além da Serra do Poção, existem ainda as seguintes formações: Serra da Formosa, Serra da Raposa, Serra do Olho d"Água e Serra Redonda.

Em Ouro Branco, realiza-se a extração de Itacolomi, cuja exploração é feita na Serra do Poção, principal acidente oreográfico do município, localizado a 9 km da cidade. O referido minério - que é utilizado em revestimentos - é exportado para diversos estados da federação, rendendo consideráveis divisas para o município.

Legenda do Mapa Geológico

Neoproterozóico
NP3ss Formação Seridó (ss): biotita xisto, metarritmito, clorita-sericita xisto (640 Ma U-Pb)
NP3sju Formação Jucuru tu (sju): gnaisse, mármore e rocha calcissilicática .
Paleoproterozóico
PP2 v Suíte Várzea Grande: ortognaisse tonalítico-granodiorítico e migmatito (2098 Ma U-Pb)

O desbravamento e a ocupação do território que atualmente forma o município de Ouro Branco, constitui uma página especial na História do Seridó Potiguar e teve início nos primeiros anos do século XVIII. A primeira referência sobre esse território é feita numa sesmaria concedida aos desbravadores Manoel Marques de Sousa, Mateus de Viveiros e ao padre Antônio de Viveiros, em 31 de outubro de 1702, pelo capitão-mor Francisco de Abreu Pereira, governador da capitania da Paraíba.

O pioneiro Manoel Marques de Sousa residia no Cariri paraibano, enquanto que os irmãos Mateus e Antônio de Viveiros[1] residiam na histórica *Cidade da Parahyba*, atual João Pessoa. Embora aqueles desbravadores tenham solicitado nove léguas de comprimento por três de largura, começando *"do poço do Quincó para baixo pelo rio Capaná seis legoas até o poço chamado pelo gentio Tebenheré e o dito poço riacho Protonaxuré acima tres legoas que fazem as nove e uma de largo, o qual riacho nasce da Borburema, correndo entre os rios Seridó e Sabugy, vae para as partes*

[1] Durante muito tempo (1677-1700), o padre Viveiros, na condição de vigário colado, regeu a histórica Matriz de Nossa Senhora da Neves, da capital paraibana, onde foi *"apresentado a 20 de agosto de 1677. Pároco exemplar, foi chamado homem de Deus pela vida e pelas obras, dedicando-se com carinho ao amanho espiritual de seu rebanho, exercitando a admiração de quantos o conheceram. Era também vigário da vara e vigário geral da capitania posto pelo bispo. Tinha sob seus cuidados duas aldeias de índios. Interessou-se grandemente pela fundação do colégio dos jesuítas. Teve como coadjutor o Pe. Domingos Barbosa Aranha, nomeado a 8.11.1675, substituído posteriormente pelo Pe. Antônio de Souza Ferraz, excelente sacerdote, benfeitor do Colégio dos Jesuítas, ao qual doou seus bens"* (TAVARES, Padre Eurivaldo Caldas. **Itinerário da Paraíba católica**. (Coleção IV Centenário). João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba; Campina Grande: GRAFSET, 1985, pág. 70-71).

das Piranhas'', a sesmaria concedida limitou-se a duas léguas de comprimento por meia de largura para cada um dos requerentes[2].

Esta sesmaria traz uma particularidade: é o primeiro documento oficial que faz referência ao Rio Quipauá, que nasce no vizinho Estado da Paraíba e corta o município de Ouro Branco, de Oeste e Leste. *Capaná, Capauá, Cuparaá, Caapauá, Quipauá*[3], eram grafias comuns no século XVIII e designavam o referido curso d'água. O mesmo também ocorria o com os termos „*Quinturaré*' e „*Protonaxuré,* nomes pelos quais, naquela centúria, eram conhecido o riacho e o poço do Caturaré[4], no atual município de Jardim do Seridó.

No entanto, como estas terras não foram povoadas e demarcadas dentro do período definido em lei, retornaram ao patrimônio da Coroa e foram novamente concedidas em 11 de julho de 1707, ao padre Manoel Timóteo da Cunha, também morador da capitania da Paraíba[5].

Outra sesmaria também envolvendo parte do território ourobranquense, foi concedida no dia 20 de maio de 1722 a Manoel de Souza Almeida, morador no Sertão das Piranhas, que alegando não ter terras para criar seu rebanho, solicitou ao governo daquela capitania a concessão de umas terras localizadas ao longo do

---

[2] TAVARES, João de Lyra. **Apontamento para a história territorial da Parahyba.** Edição fac-similar. Coleção Mossoroense, vol. CCXLV. Brasília: Senado Federal, 1982, pág. 119-120.
[3] QUIPAUÁ: do tupi *caá-páua*, "a orlado do mato, onde o mato termina", denominação que *"sugere um curso d"água de tabuleiro"*, representando o *"nome indígena do Rio Barra Nova"*, que banha a cidade de Caicó e é represado no Açude Itans (CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**. Natal: Fundação José Augusto, 1968, pág. 77).
[4] CATURARÉ: Do tupi *catu-rurá,* bom de todo, totalmente bom, terra fecunda para qualquer plantio. O mesmo que Quinturaré (CASCUDO, Luís da Câmara. Op., cit. pág. 81).
[5] TAVARES, João de Lyra. Op. cit., pág. 64-65.

Riacho da Raposa, por ele descobertas, onde existia um *"olho d"água chama pela lingua do Tapuio, Soré, que nasce em uma serra chamada Sará, o qual olho d"água faz um riacho, que corre de Sul a Norte no meio das ilhargas das terras dos providos do riacho da Raposa, que ficão ao poente do dito riacho do olho d"água Soré, e para o nascente das ilhargas das terras do padre Luiz Quaresma Dourado, o qual riacho Soré faz barra no rio Seridó, acima do poço de Caturaré"*[6].

Na oportunidade, foi concedida aquele desbravador, uma data de terra em sesmaria, medindo três léguas de comprimento por uma de largura, *"do sul ao norte pelo dito riacho Soré abaixo, principiando a correr a dita parte de terras do dito logar do olho d"água, que nasce ao pé da dita serra Será"*[7].

Ao longo do Rio Quipauá, ainda na primeira metade do século XVIII, foi instalada a ***Fazenda do Espírito Santo***, núcleo humano que deu origem a atual cidade de Ouro Branco.

Naquele tempo, os limites entre as capitanias da Paraíba e do Rio Grande do Norte não eram bem definidos. E, criada a Freguesia de Nossa Senhora da Guia, com sede na antiga povoação de Patos (06-10-1788) e desmembrada da Matriz de Nossa Senhora Santana, do Caicó, então Vila Nova do Príncipe, coube a novel matriz toda a Ribeira das Espinharas como também o Rio do Sabugi, *"até a Fazenda do Jardim e a Capela de Santa Luzia, com todos os seus moradores na distância de quatro léguas em circulo"*[8]. No entanto, o primeiro vigário de Patos, padre Manoel Rodrigues Xavier, *"firmado na declaração episcopal, segundo a qual os sítios que distassem quatro léguas da*

---

[6] TAVARES, João de Lyra. **Apontamento para a história territorial da Parahyba.** Edição fac-similar. Coleção Mossoroense, vol. CCXLV. Brasília: Senado Federal, 1982, pág. 119-120.
[7] TAVARES, João de Lyra. Op. cit., pág. 120.
[8] DANTAS, Dom José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Garanhuns: O Monitor, 1962, pág. 155.

povoação de Santa Luzia, se enquadrava na área da Freguesia de Patos"[9], declarou que os moradores na Fazenda Espírito Santo (núcleo inicial da atual cidade de Ouro Branco), passavam a ser seus fregueses, ou seja, passavam a pertencer ao território da antiga Matriz de Patos. Esta decisão, não agradou os moradores da antiga Fazenda Espírito Santo, que pretendiam continuar pertencendo à Freguesia de Caicó.

Assim, em 1790, tais moradores endereçaram uma longa representação ao Bispo de Olinda, que designou o Cônego Penitenciário Manoel Vieira de Lemos Sampaio para tratar do assunto. Este, em fundamentado parecer, decidiu a favor dos habitantes da futura *„Ouro Branco"*, que continuaram pertencendo à Freguesia de Nossa Senhora Santana, do Seridó, sepultando de vez as aspirações do padre Manoel Rodrigues Xavier. É importante registrar que a cidade de Ouro Branco, à semelhança de muitas outras do Seridó, derivou da *"conjugação do elemento religioso, representado pela edificação de uma capela, com* o *elemento econômico, apoiado na criação de gado"*[10].

O povoado, núcleo inicial da atual cidade, recebeu à princípio a denominação de Espírito Santo e foi fundado em 1904, pelos senhores Cirilo de Sousa e Silva (popularmente conhecido como Cirilo do Poção) e Manoel Correia, proprietário do Sítio Cubiçado, que arregimentaram a população e construíram uma capela na localidade, dedicada ao Divino Espírito Santo, cuja pedra fundamental foi benta pelo padre Marcelino Rogério dos Santos, à época, vigário de Jardim do Seridó.

---

[9] DANTAS, Dom José Adelino. Op. cit., pág. 155.
[10] OCTÁVIO, José. (org.). **A Paraíba das origens à urbanização**. João Pessoa: UFPB/FUNAPE/FJA, 1983, pág. 90.



Ilustração 12 – Capela do Divino Espírito Santo, década de 1960



Ilustração 13 - Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, na atualidade

A instalação oficial do referido povoado ocorreu no dia 16 de julho de 1905, numa solenidade presidida pelo Coronel Felinto Elísio de Oliveira Azevedo - uma das maiores expressões da política seridoense na República Velha - que a época, ocupava a Presidência do Conselho de Intendência de Jardim do Seridó, de cujo município, o atual território ourobranquense fazia parte. Naquele dia, realizou-se na próspera localidade a primeira feira livre, que continuou sendo realizada aos domingos. O progresso veio rápido para o antigo povoado do Espírito Santo. Para tanto, fortemente concorreram os fundadores Cirilo de Sousa e Manoel Correia.

Durante a administração do Dr. Heráclio Pires, como prefeito de Jardim do Seridó, em 10 de maio de 1920, o próspero povoado teve sua denominação mudada para **'Ouro Branco'**, justificando a sua importância como produtor de algodão - *o ouro branco* - na região seridoense[11]. A referida Lei tinha o seguinte teor:

> *"Lei nº 43. A Intendência Municipal da Cidade de Jardim do Seridó, usando das atribuições que lhe confere a lei decreta:*
> *Art. 1º. Fica mudada a denominação de „Espírito Santo", pela qual era conhecida a sede do 3º Distrito Municipal, a qual passará a denominar-se Povoado de „Ouro Branco", para todos os efeitos.*
> *Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.*

[11] A mudança do nome para Ouro Branco foi proposta numa reunião pelo senhor Abdon Nóbrega e aceita por unanimidade. Quanto ao senhor Abdon Nóbrega, o mesmo era paraibano, natural de Santa Luzia. Distinguido com a patente de coronel, foi, em seu tempo, o chefe político de maior prestígio no Vale do Sabugi, exercendo em Santa Luzia uma forte influência política. No período monárquico, filiado às hostes do Partido Liberal, elegeu-se deputado provincial na Paraíba para a legislatura de 1882-1883. Reeleito para o biênio seguinte, proclamada a República, absteve-se das disputas políticas. No entanto, em 1892, retornou ao cenário político paraibano, eleito deputado à Assembléia Estadual Constituinte. Reeleito em 1895, permaneceu no Congresso Estadual até 1899, sendo, em seu município, o principal chefe do Partido Republicano Federal.

Sala das Sessões da Intendência Municipal da cidade de Jardim do Seridó, em 10 de maio de 1920. Heráclio Pires Fernandes"[12].

A cultura do algodão que deu o nome ao município trouxe também o progresso para a localidade. Diversas pessoas que moravam nas imediações do arruado, buscando facilidade de vida, para ali afluíram e construíram suas casas, fazendo com que o nascente povoado logo adquirisse delineamento urbano. Durante a Interventoria do Dr. Mário Câmara, pelo Decreto Estadual nº 726, de 11 de setembro de 1934, o povoado do Espírito Santo foi elevado à categoria de distrito administrativo, mantendo sua vinculação ao município de Jardim do Seridó, mas possuindo um subprefeito.

Antes, porém, aos 30 de agosto de 1924, foi instalado na localidade a Agência dos Correios, solenidade que contou com a presença do Dr. Heráclio Pires, prefeito de Jardim do Seridó, e de várias pessoas influentes da região.

Em 1943, Anfilóquio Câmara em seu livro ***'Cenários Municipais'***, considera o Distrito de Ouro Branco como sendo uma localidade com *"aspecto de uma boa cidade"*[13]. Naquele mesmo ano, o referido distrito passou a denominar-se „*Manairama*" (Decreto estadual nº 268, de 31-12-1943). No entanto, aos 23 de dezembro de 1948, por força de Lei Estadual nº 146, voltou à denominação de Ouro Branco, que é mantida até hoje.

---

[12] AZEVEDO, José Nilton de. **Um passo a mais na história de Jardim do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1988, pág. 59-60.
[13] CÂMARA, Anfilóquio. **Cenários municipais (1941-9142)**. Natal: Departamento Estadual de Estatística, 1943.



Ilustração 14 – Aspectos antigos da cidade de Ouro Branco

No início da década de 1950, o povo ourobranquense despertou para sua emancipação política. O referido movimento liberado pelo senhor Luís Basilisso, ganhou o apoio do deputado João Guimarães, que, sensibilizado, apresentou na Assembléia Legislativa o projeto, que aprovado em plenário e sancionado pelo Governador Silvio Piza Pedroza, tornou-se a Lei nº 907, de 21 de novembro de 1953, emancipando politicamente o distrito de Ouro Branco. Ademais, deve-se mencionar que o projeto apresentado pelo deputado estadual João Guimarães, encontrou forte resistência dentro da Assembléia Legislativa, por contrariar interesses políticos de

outros deputados, que atuavam na região do Seridó. Outro fato lamentável também ocorreu quando da instalação do município, a cuja solenidade as autoridades legalmente constituídas de Jardim de Seridó (município do qual Ouro Branco foi desmembrado), deixaram de comparecer.



Ilustração 15 – Aspectos antigos da cidade de Ouro Branco, Rua Manoel Cirilo

A instalação do município de Ouro Branco ocorreu no dia 1º de janeiro de 1954.

Registrou um jornal da época, que *"a sessão de instalação, que teve lugar nos salões do Grupo Escolar, contou com a presença de compacta multidão, que aplaudiu, entusiasticamente os oradores e de delegações dos municípios de Currais Novos, Parelhas, Jardim do Seridó e de Santa Luzia, no estado da Paraíba"*.



Ilustração 16 – Aspectos antigos da cidade de Ouro Branco, antigo mercado público

A instalação do município de Ouro Branco ocorreu no dia 1º de janeiro de 1954. Registrou um jornal da época, que *"a sessão de instalação, que teve lugar nos salões do Grupo Escolar, contou com a presença de compacta multidão, que aplaudiu entusiasticamente os oradores e de delegações dos municípios de Currais Novos, Parelhas, Jardim do Seridó e de Santa Luzia, no estado da Paraíba"*.



Ilustração 17 – Aspectos antigos da cidade de Ouro Branco, largo da Igreja Matriz

Na oportunidade, "o *sub-delegado de Polícia, na ausência de qualquer outra autoridade superior, de acordo com a Lei, presidiu a sessão, durante a qual discursaram o deputado Neto Guimarães, autor do projeto de criação do município, o vereador curraisnovense Wladimir Limeira, o coletor federal Álvaro Fragoso, o líder parelhense Natanael Rodrigues de Carvalho e dois representantes de Santa Luzia*"[14].

[14] ***A Voz do Seridó***, Ano II, nº 5, Currais Novos-RN, edição de 31 de janeiro de 1954, pág. 2.



Ilustração 18 - Antigo Grupo Escolar Florentino Cunha

Assim, surgiu no cenário político do Rio Grande do Norte, o município de Ouro Branco, possuindo uma área de 198 km² e desmembrado de Jardim do Seridó. Quando de sua criação, Ouro Branco possuía 764 domicílios e uma população de 4.406, sendo que 3.426 residiam na zona rural e 980, na zona urbana. No entanto, esta situação mudou ao longo dos anos. Devido aos períodos de longas estiagens que assolaram a região, a exemplo dos demais municípios seridoenses, a população de Ouro Branco diminuiu satisfatoriamente, passando a concentrar-se, quase que exclusivamente, na zona urbana.

O povo de Ouro Branco é muito católico. Eclesiasticamente, os ourobranquenses estiveram ligados à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, até o dia 18 de maio de 1997, quando, por decreto diocesano assinado por Dom Jaime Vieira Rocha, à época bispo de Caicó, foi criada a Paróquia do Divino Espírito Santo. Atualmente, seu pároco é o jovem e talentoso padre Carlos Henrique de Jesus Nascimento.

O mais antigo personagem ilustre da história de Ouro Branco que se tem notícia é o padre Targino de Souza e Silva, nascido na primitiva Fazenda Espírito Santo. Sacerdote por vocação, fez seus estudos eclesiásticos no Seminário de Olinda. Ordenado, retornou ao Seridó, tendo celebrado a sua primeira missa na histórica Matriz de Santana [hoje servindo como catedral], no Caicó. Criada a Paróquia de Jardim do Seridó, tornou-se cooperador do padre Francisco Justino Pereira de Brito. Homem de reconhecido prestígio e de família importante na região, ingressando na política, elegeu-se vereador em Jardim do Seridó. Na condição de presidente da Câmara Municipal, administrou aquela cidade no período de 1860 a 1861, sendo seu segundo gestor público.

Outro filho de Ouro Branco que também gozou de elevado prestígio na política jardinense, no período do Império, foi o major José Barbosa Teixeira, senhor e proprietário da Fazenda Timbaúba. Membro da Guarda Nacional, além de grande fazendeiro, destacou-se como comerciante e comprador de algodão na região do Seridó. Ligado politicamente ao Dr. Manoel Augusto de Medeiros, engrossou por longo período as fileiras da oposição, tendo sido eleito vereador por três legislaturas. Escolhido por seus pares para presidir a Câmara Municipal, administrou o município de Jardim no período de 1887 a 1889, sendo seu último gestor na Monarquia. No período republicano, retornou ao legislativo mirim, tendo participado das legislaturas de 1894-1896 e de 1917-1919.

O Dr. Artur da Nóbrega foi o primeiro ourobranquense a diplomar-se em Odontologia. Filho do coronel José Gorgônio da Nóbrega e de dona Ana Floripes de Medeiros Barros, nasceu na Fazenda Timbaúba, propriedade de seus pais. Diplomado pela Faculdade de Odontologia do Recife, iniciou sua vida profissional em Jardim do Seridó, onde ocupou interinamente o cargo de prefeito, por duas vezes, em 1933 e em 1935. Posteriormente, administrou o município de São João do Sabugi. Viveu seus últimos anos de vida na cidade de

OURO BRANCO: Educação e cultura

O marco inicial do ensino no município de Ouro Branco é o professor Isaias Ezequiel de Lucena, que em 1911, instalou no antigo povoado do Espírito Santo a primeira escola. Ali, por muitos anos, ensinou as disciplinas básicas e foi responsável pela educação de vários de seus conterrâneos. No campo educacional, deve-se também registrar as contribuições dadas pelos professores Joaquim Venâncio e Zuza Bastos, que, por vários anos, mantiveram escolas particulares, em suas próprias residências.

Hoje, o município de Ouro Branco está servido educacionalmente com quatro escolas isoladas do Estado, localizadas na zona rural e que funcionam em prédios cedidos pela Edilidade Municipal. Ademais, na zona urbana, existem ainda duas escolas estaduais e três municipais. Na rede municipal de ensino é digno destacar o **'Centro Municipal de Ensino Rural Profª Luzia Maciel de Azevedo'**, *"onde estão integradas as unidades escolares que outrora funcionavam na zona rural e passaram a funcionar na sede do município"*; e a **Escola de Ensino Fundamental e Médio José Nunes de Figueiredo**.

Ouro Branco é uma cidade que preza pela cultura. Rica em valores locais, possui um elevado número de artistas, músicos e poetas, que projetam-se além dos limites estaduais. Ainda em finais da década de 1970, criou-se no município a Filarmônica Manoel Felipe Nery (cuja denominação é uma homenagem ao primeiro professor de música da cidade), que teve como primeiro regente o talentoso maestro Urbano Medeiros, músico

conhecido internacionalmente, que nos dias atuais percorre o Brasil e o mundo, como missionário da Igreja Católica, divulgando os ensinamentos de sua religião e a arte da música. A semente plantada pelo maestro Urbano Medeiros produziu bons frutos na cidade de Ouro Branco e vários já foram os músicos talentosos, que ingressaram na música, através Filarmônica Manoel Felipe.



Ilustração 19 - Filarmônica Manoel Felipe, passado e presente

Em abril de 1989, surgiu na cidade a „*Banda Aryaxé*", grupo musical bastante conhecido em toda a região do Seridó e inclusive na Paraíba. O primeiro grupo teatral ourobranquense foi o „*Mandacaru*", formado por

filhos da terra e que nasceu da inspiração do professor Milton Dantas da Silva. Graças aos esforços desse talentoso ativista cultural, o grupo encenou a sua primeira peça („*Um dia o Arrependimento*"), obtendo grande aceitação popular.

Recentemente, no dia 12 de março do presente ano de 2011, foi criada a **ASSOCIAÇÃO CULTURAL OUROBRANQUENSE**, destinada a resgatar, valorizar e preservar as diversas manifestações culturais da referida cidade, bem como promover ações que visem à preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico, arqueológico, paleontológico e paisagístico, e, o regaste e a valorização de toda e qualquer manifestação cultural do município de Ouro Branco, principalmente, no que diz respeito à poesia popular e outras manifestações folclóricas.

Cidade da poesia, Ouro Branco é a terra natal do poeta Orilo Dantas de Melo, glosador e repentista dos mais afamados no Estado, que integrou a Academia de Trovas do Rio Grande Norte. Dentre seus filhos ilustres, voltados para a cultura, pode-se ainda citar o jornalista Abmael Morais, *"que atuava na Paraíba e nunca quebrou suas raízes com a sua amada Ouro Branco"*.

OURO BRANCO: Aspectos gerais



Ilustração 20 - Acesso à cidade de Ouro Branco, através da Rodovia RN 082, nos limites com o Estado da Paraíba.



Ilustração 21 - Largo da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo



Ilustração 22 - Prédio do Mercado Público, construído na década de 1950 e tombado como acervo do patrimônio histórico municipal, graças a iniciativa do vereador Genildo da Silva Medeiros.



Ilustração 23 - Praça Aluizio Alves, Ouro Branco - RN



Ilustração 24 - Açude do Divino Espírito Santo – Ouro Branco (RN)



Ilustração 25 - Árvores da periferia da cidade de Ouro Branco, tombadas graças à iniciativa do vereador Genildo da Silva Medeiros.



Ilustração 26 - Árvores da periferia da cidade de Ouro Branco, tombadas graças à iniciativa do vereador Genildo da Silva Medeiros.



Ilustração 27 - Árvores do centro da cidade de Ouro Branco, tombadas graças à iniciativa do vereador Genildo da Silva Medeiros.

O CAMINHO ATÉ O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PEDRA LAVRADA

O Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, no município de Ouro Branco, encontra-se localizado a oeste da cidade, nos limites com o estado da Paraíba, num ponto dado pelas coordenadas 06º 44' 19" de latitude e 36º 51' 54" de longitude. Saindo-se da cidade de Ouro Branco, pega-se a Rodovia RN 089, em direção a Jardim do Seridó. Após percorrer 5 quilometros, deixa-se a referida rodovia logo após a ponte sobre o Rio Serrote e entra-se à direita, numa estrada carroçável.



Ilustração 28 – Início da estrada carroçável que dá acesso ao Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

A estrada carroçável que dá acesso ao Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada tem início cerca de 20 metros após a ponte sobre o Rio Serrote e segue até o Povoado de São Roque, considerado o núcleo mais antigo de ocupação humana no território de Ouro Branco. Por essa estrada carroçável percorre-se 11 quilometros antes de chegar ao referido sítio arqueológico, passando, inicialmente pelo Povoado de São Roque, Sítio Lagoa de Baixo, São Roque de Cima e Carnaúba de Cima, transpondo também o Rio São José e o Riacho Verde.



Ilustração 29 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada



Ilustração 29 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada - Serra da Raposa -

O caminho segue sempre ao longe, pela esquerda, visualizando a Serra da Raposa, que está localizada nos limites com o município de São José do Sabugi, na Paraíba. Por falta de conservação, a estrada que dá acesso ao Sítio Riacho Verde, onde se encontram os blocos rochosos contendo as inscrições rupestres da Pedra Lavrada, oferece alguns obstáculos que são aumentados durante o período chuvoso. As dificuldades aumentam quanto mais próximo se chega ao mencionado sítio. Contudo, dependendo o período do ano, é possível ir de automóvel até bem próximo do Rio Raposa, onde situam os imensos blocos contendo os caracteres rupestres.






Ilustração 30 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada



Ilustração 31 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada






Ilustração 32 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada



Ilustração 33 – Atrativo Natural Pedra do Tejú, localizada a menos de duzentos metros das margens do Riacho Verde, município de Ouro Branco - RN



Ilustração 34– Atrativo Natural Queda D'Água do Sítio Riacho Verde, município de Ouro Branco-RN



Ilustração 35 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada






Ilustração 36 – Pontos assinalados ao longo do percurso até o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada



Ilustração 37 – Descida para o leito do Rio Raposa, onde encontra-se o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

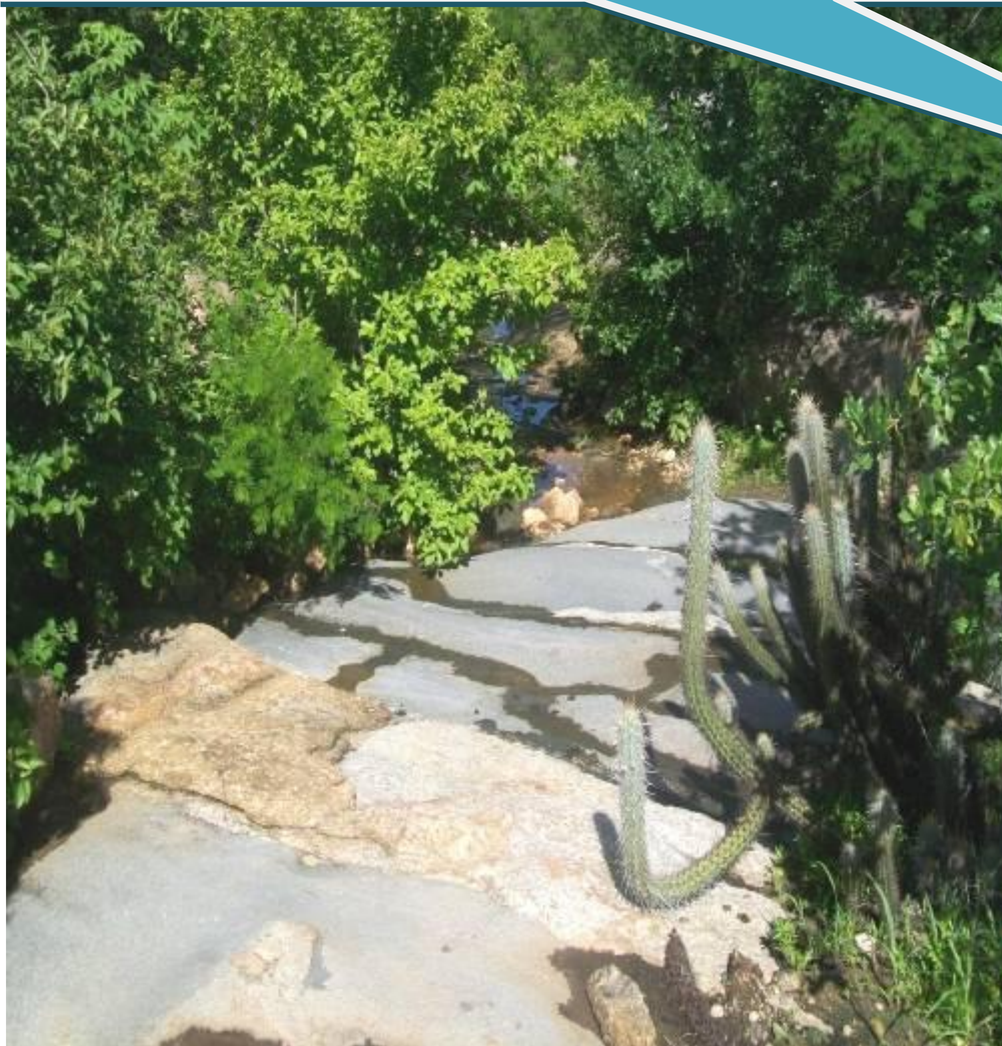




Ilustração 38 – Descida para o leito do Rio Raposa, onde encontra-se o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PEDRA LAVRADA

O sítio arqueológico da Pedra Lavrada é um conjunto rochoso localizado no município de Ouro Branco, Estado do Rio Grande do Norte. O referido sítio, que ocupa uma área de aproximadamente 1500 m², é repleto de inscrições rupestres, de tamanhos e formas variadas, gravadas em baixo relevo. Tais representações/incisões encontram-se espalhadas por diversos setores dos entroncamentos rochosos situados às margens do Rio Raposa, que nasce no vizinho município de São José do Sabugi e entra no solo potiguar, através do território ourobranquense, percorrendo uma distância de pouco mais de 19 km até desaguar no Rio Quipauá, nas proximidades da localidade denominada Lajes.

Durante muito tempo, o local onde encontra-se situado o Sítio da Pedra Lavrada, às margens do Rio Raposa, foi considerado como parte integrante do município paraibano de São José do Sabugi. Localizado numa propriedade comum aos dois estados, o referido sítio somente passou a ser reconhecido como parte do município de Ouro Branco-RN, após a realização de estudos promovidos pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em cumprimento a uma solicitação feita pelo vereador e ativista cultural Genildo da Silva Medeiros. O entroncamento rochoso contendo as incisões rupestres encontra-se no ponto dado pelas coordenadas 6º 44' 19" S 36º 51' 54"W e está localizado a pouco mais de trezentos metros do marco limite RN-PB. Assim, após a divulgação dessa informação oficial, o referido sítio passou a ser reconhecido como parte do território ourobranquense e vem sendo objeto de grande atenção e ações visando à sua preservação.





Sítio Arqueológico Pedra Lavrada
Latitude 06º 44' 19"
Longitude 36º 54' 54,1"
Fonte: Ficha de Levantamento de Sítios Arqueológicos nº 213/2010. UERN/Dep. de História/Núcleo de Estudos Arqueológicos

Ilustração 39 - Localização do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, no mapa do município de Ouro Branco



Ilustração 40 - Aspectos do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagem.



Ilustração 41 - Aspectos do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagem.



Ilustração 42 - Aspectos do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagem.



Ilustração 43 - Aspectos do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagem



Ilustração 44 - Aspectos do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagem.



Ilustração 45 - Aspectos do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de estiagens.



Ilustração 46 - Aspectos do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período de chuvas

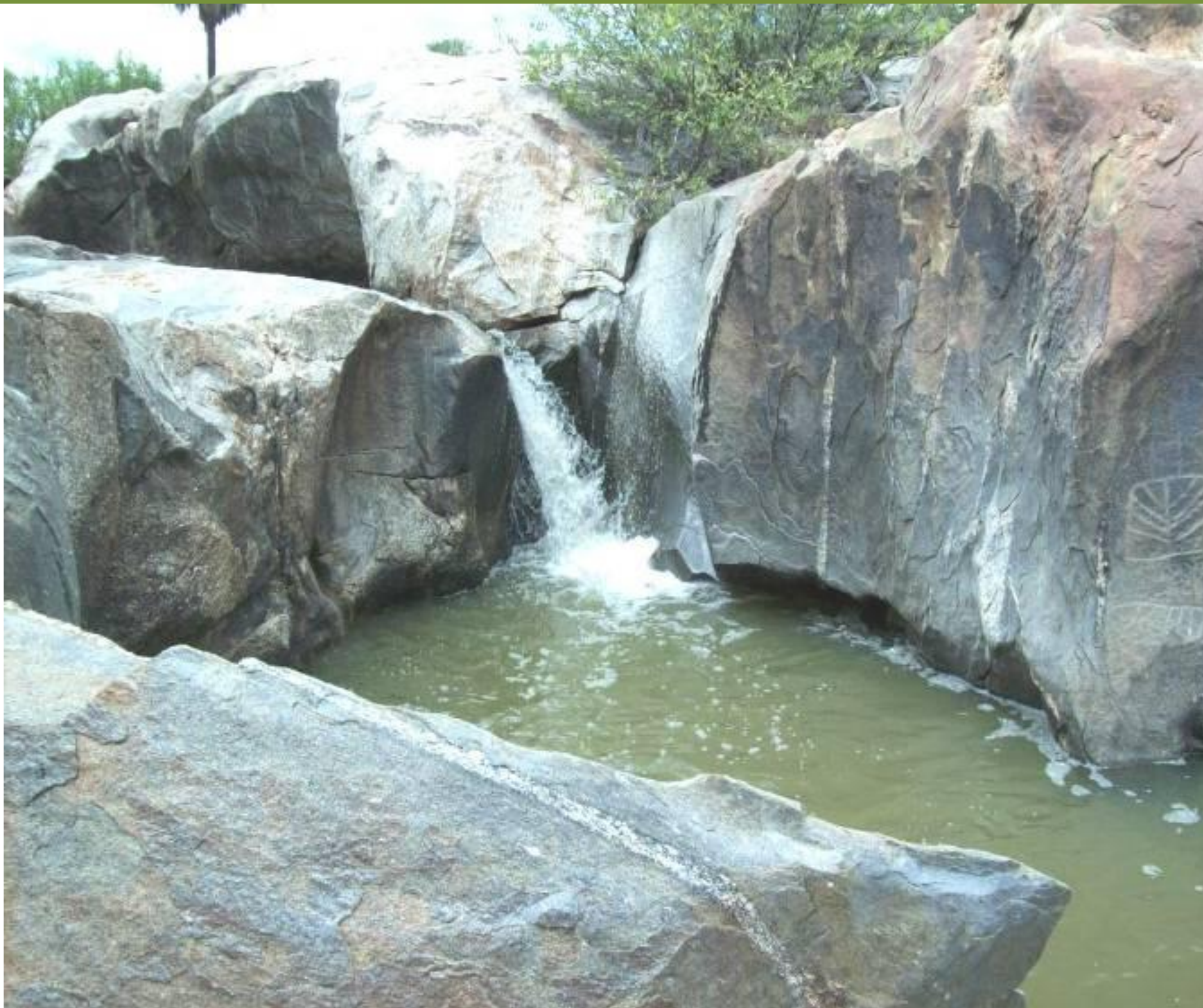


Ilustração 47 - Aspectos do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, visto no período chuvoso

No principal painel, disposto verticalmente, em cuja rocha suporte forma-se um poço - após uma pequena queda d"água - que conserva água não somente durante o período chuvoso, mas até os meses de agosto e setembro, existe uma grande profusão de sinais. São símbolos complexos, gravados ao longo do entroncamento rochoso em declive, até a sua base, que são cobertos pelas águas, no todo ou parcialmente, no período já mencionado.



Ilustração 48 – Os entroncamentos rochosos do Sítio da Pedra Lavrada, sendo parcialmente cobertos pelas águas das primeiras chuvas de 2011

O referido entroncamento rochoso, em formato convexo, mede aproximadamente 65 m de comprimento, apresentando, em determinados pontos, uma altura de 5,2 m em relação ao leito do Rio Raposa[15]. Praticamente, o bloco rochoso se eleva no meio do referido curso d'água, ora de forma continua, ora deixando-se

[15] O Rio Raposa pertence aos domínios da bacia hidrográfica do Rio Piranhas, sub-bacia do Rio Seridó, nasce no município de São José do Sabugi, no vizinho estado da Paraíba, onde recebe inicialmente o nome de Santa Maria.



Ilustração 49 - Caracteres do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada

ser cortado pelas águas, formando pequenas ilhas de pedras, totalmente visíveis quando o leito do mencionado rio se encontra seco.

No painel principal, insculpido de frente ao painel secundário, na base do bloco de pedra, observa-se um conjunto de capsulares, seguidos de várias representações profundamente sulcadas, expressando diferentes motivos gráficos, onde se destacam mesmo ao longe, duas grandes gravuras em formatos quadrangulares, que intrigam os visitantes por sua simetria e perfeição de detalhes.



Ilustração 50 – Principais caracteres do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, município de Ouro Branco



Ilustração 51 – Caracteres do painel principal do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

Frente ao painel principal do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, o visitante fica estático. Mergulha no passado e tenta entender, ou melhor, descobrir como o homem primitivo conseguiu produzir aqueles complexos grafismos em rocha tão dura, que representam um enigma para a civilização presente. A Pedra Lavrada de Ouro Branco é impressionante. Ela pode até representar para alguns, mera brincadeira ou passatempo de índios desocupados. No entanto, ela representa o testemunho de um passado ali deixado por antigos caçadores coletores, que percorriam e habitavam as matas virgens do sertão do atual Seridó potiguar.

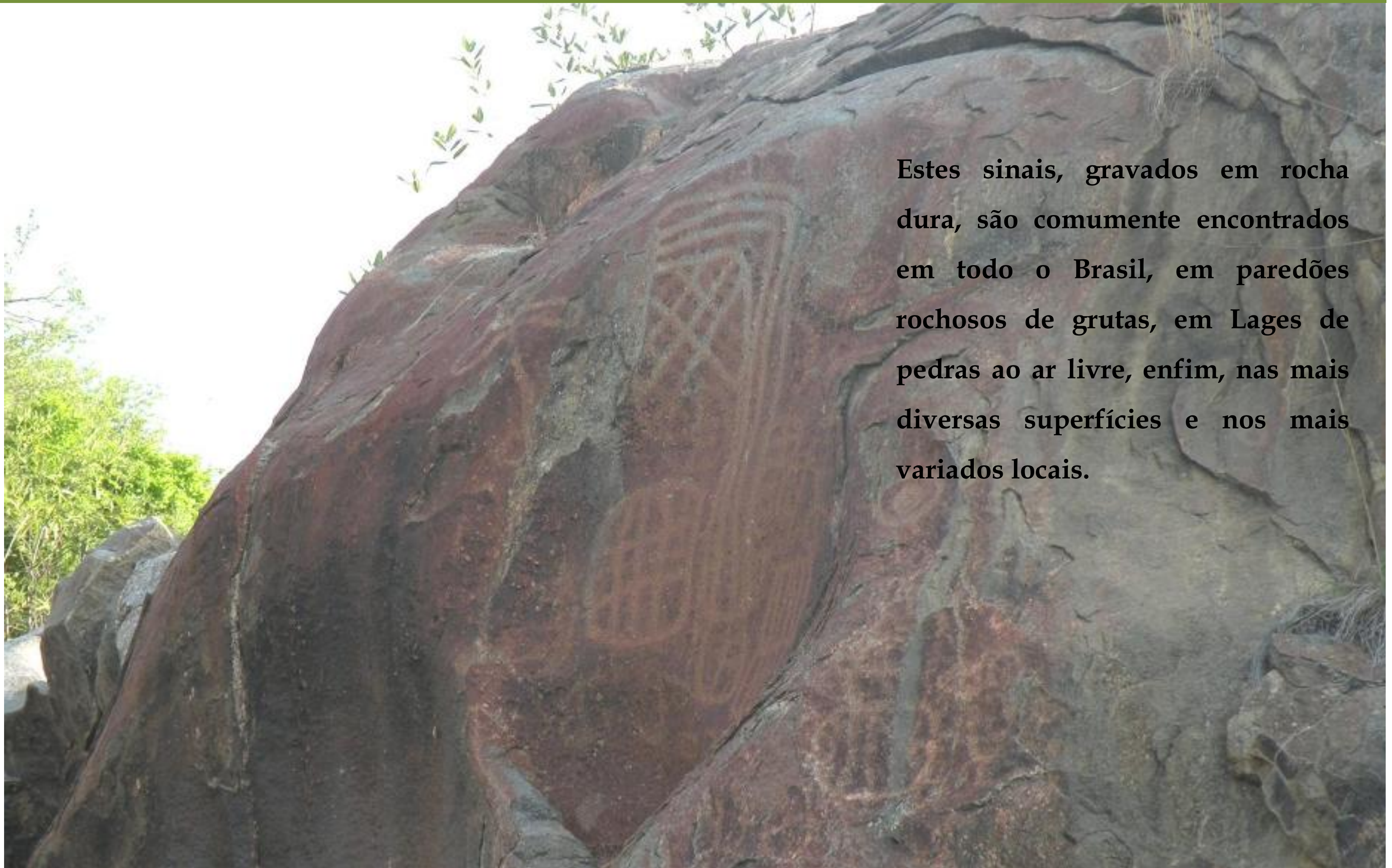


Ilustração 52 - Caracteres existentes na base do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, somente vistos durante o período de estiagens

No painel principal, é possível identificar mais de trinta caracteres, que mesmo submersos às vezes por mais de seis meses no ano, conservam boa visibilidade. Na parte superior do bloco rochoso, existe um conjunto de caracteres dispersos e de variados tamanhos, incluindo círculos, pontos capsulares e representações complexas. Nessa parte, um processo natural dá ao bloco rochoso uma coloração avermelhada. Nessa área, é possível verificar que a ação do intemperismo tem produzido algumas descamações e eliminado complemente partes dos caracteres ali existentes.



Ilustração 53 - Caracteres para parte superior do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Estes sinais, gravados em rocha dura, são comumente encontrados em todo o Brasil, em paredões rochosos de grutas, em Lages de pedras ao ar livre, enfim, nas mais diversas superfícies e nos mais variados locais.

Ilustração 54 - Caracteres para parte superior do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 55 - Caracteres para parte superior do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada

Impressionante, é que apesar da ação erosiva produzida pelo tempo e por muitos outros fatores, as inscrições rupestres da Pedra Lavra de Ouro Branco, em grande parte, resistem "*deixando características agudas de sua perfeição e dos métodos de feitura empregados pelos seus cuidadosos autores*"[16].

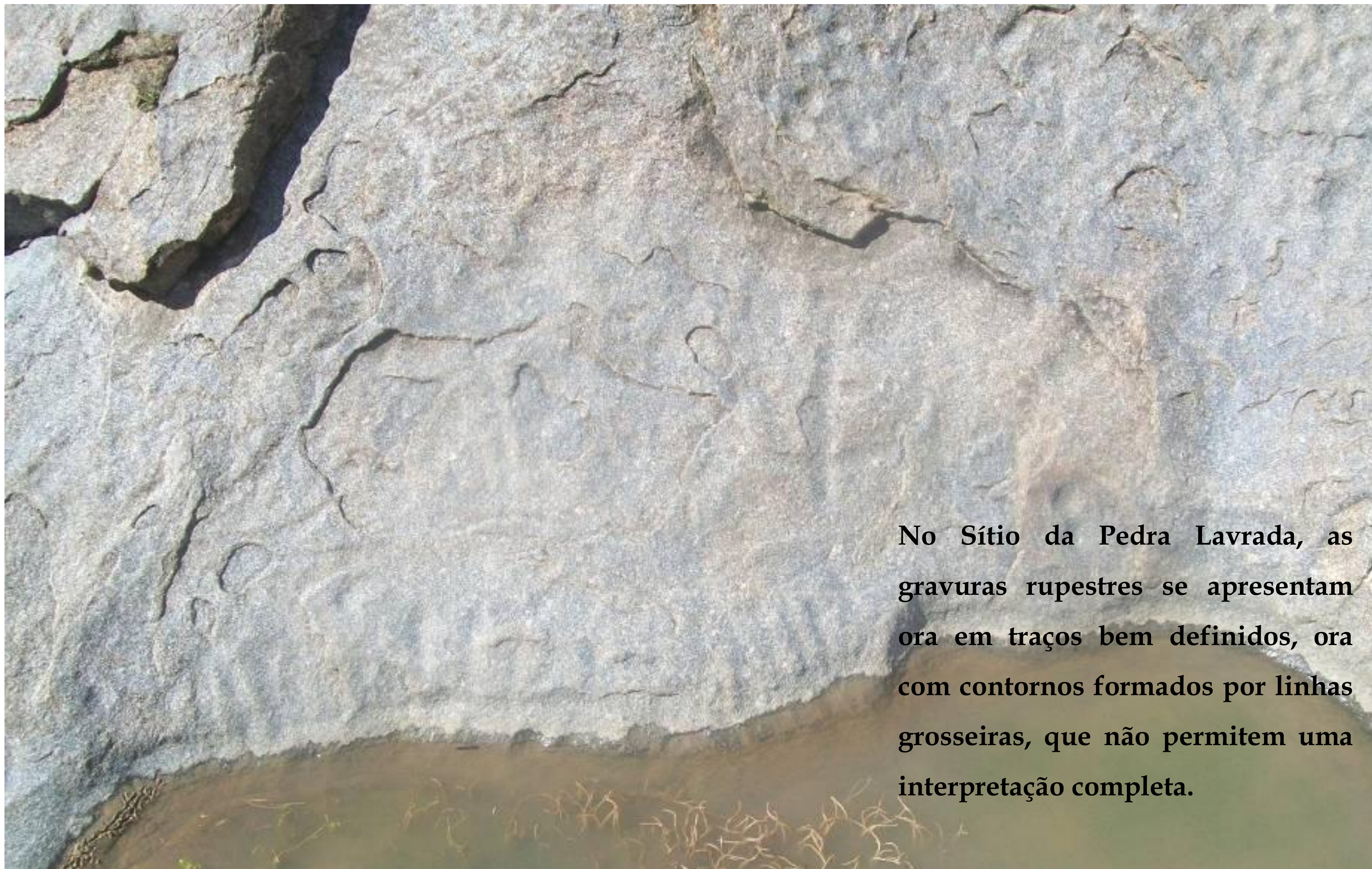


Ilustração 56 - Caracteres para parte inferior esquerda do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada

[16] LIMA, Clóvis. As itacoatiaras de Ingá**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 12. João Pessoa: Teone, 1953, pág. 115.



Ilustração 57 - Caracteres para parte inferior esquerda do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada, contornados para uma melhor visualização



No Sítio da Pedra Lavrada, as gravuras rupestres se apresentam ora em traços bem definidos, ora com contornos formados por linhas grosseiras, que não permitem uma interpretação completa.

Ilustração 58 - Caracteres para parte inferior esquerda do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 59 - Caracteres para parte inferior esquerda do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Na parte assinalada com a seta na foto ao lado, existe uma cavidade na pedra, somente vista com maiores detalhes durante o período em que o Poço da Raposa, formado no local, seca. Contudo, o acesso a essa cavidade é possível em qualquer época do ano, pelo outro lado do bloco rochoso, em sua parte superior. Diversos registros rupestres assinalam a abertura desse espaço entre os blocos rochosos.

Ilustração 60 – Cavidade entre os blocos rochosos, na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 61 – Fenda na rocha, na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 62 – Fenda na rocha, na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 63 – Aspectos internos da cavidade (ou marmita), localizada na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 64 – Aspectos internos da cavidade (ou marmita), localizada na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 65 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes no interior da cavidade (ou marmita), localizada na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada

A marmita formada no entroncamento rochoso que contém o principal painel do Sítio Arqueológica da Pedra Lavrada, em Ouro Branco, mede, aproximadamente, 3,70 m de comprimento, possuindo uma profundidade que chega atingir 3,00 m em seu ponto máximo, com uma largura máxima de 1,70 m. Na parte superior da abertura que liga o espaço interior ao leito do Rio Raposa, existe um conjunto de gravuras com formas bem definidas. No entanto, como uma parte da pedra suporte foi retirada, três dessas gravuras perderam consideráveis partes de seus contornos.



Ilustração 66 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes no interior da cavidade (ou marmita), localizada na parte inferior, à direita, do painel principal do Sítio da Pedra Lavrada



Ilustração 67 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes no topo do entroncamento rochoso, contendo o painel principal

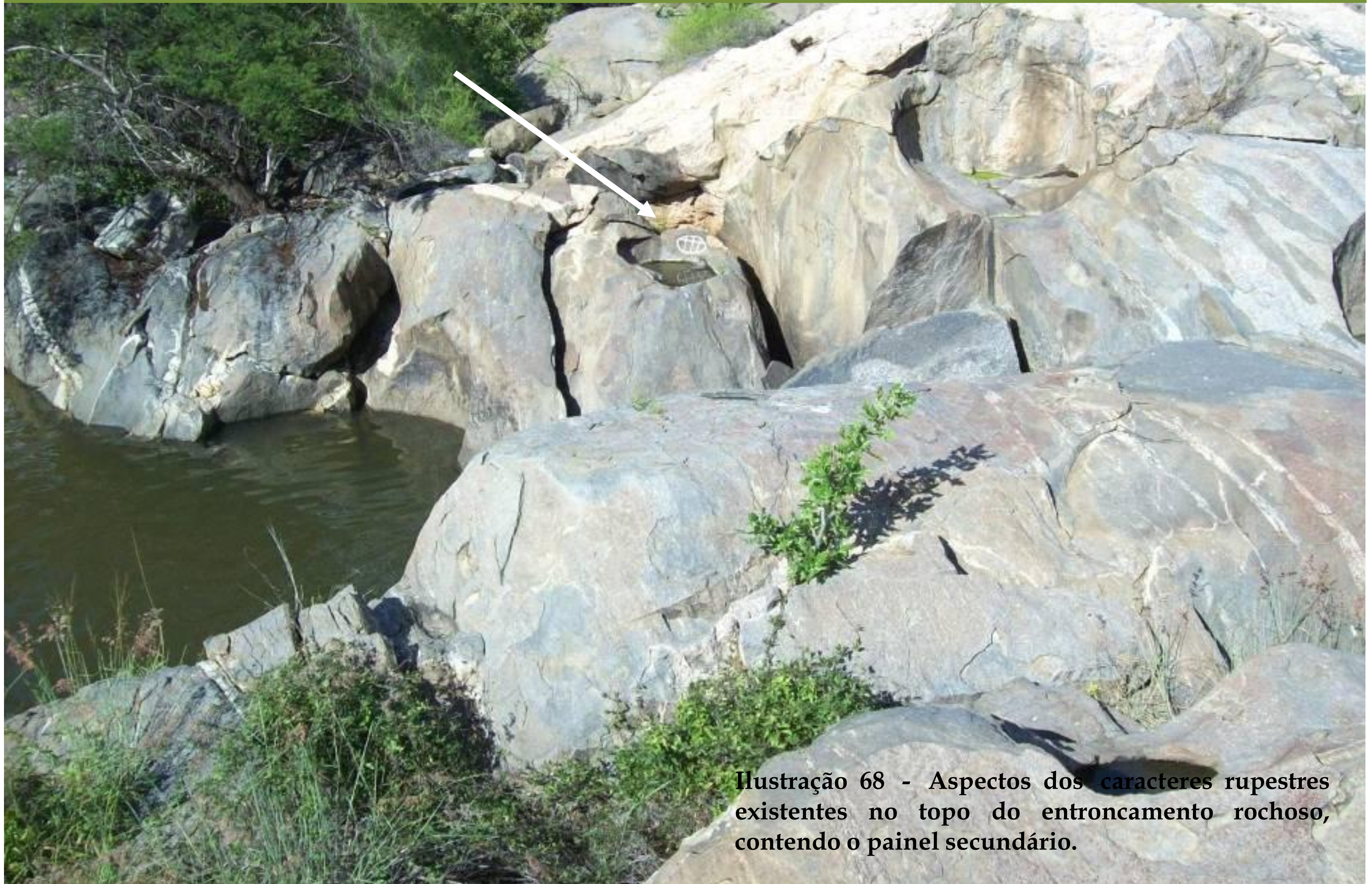


Ilustração 68 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes no topo do entroncamento rochoso, contendo o painel secundário.



Ilustração 69 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num bloco rochoso isolado, localizado à margem direita do rio Raposo, cerca de 13 metros do entroncamento contendo o principal painel do Sítio da Pedra Lavrada – Ouro Branco, Rio Grande do Norte.



Ilustração 70 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num bloco rochoso isolado, localizado à margem direita do rio Raposo, cerca de 13 metros do entroncamento contendo o principal painel do Sítio da Pedra Lavrada – Ouro Branco, Rio Grande do Norte.



Durante o período chuvoso, em decorrência das precipitações pluviais, as águas do Rio Raposa passam na frente do painel principal, submergindo grande parte dos caracteres rupestres.

Por outro lado, a falta de sombra impõe aos blocos rochosos que formam o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, um constante processo de esfolheamento, em decorrência dos choques térmicos: durante o dia, altas temperaturas; à noite, uma queda brusca de temperatura. Esse processo contrai e dilata os blocos de pedras constantemente, produzindo perdas em suas camadas superiores.

Ilustração 71 – Aspectos dos caracteres rupestres existentes num bloco rochoso isolado, localizado à margem direita do Rio Raposa, Ouro Branco.

Cerca de trinta metros após o conjunto de blocos que contém o principal painel do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, rio abaixo, encontra-se um outro grande conjunto de pedra fragmentos, apresentando-se com se estivesse sido tombado, repleto de incisões. Algumas, apresentam boa visibilidade, outras, já sofreram a ação do tempo e encontram-se completamente apagadas.

O Rio Raposa - que cerca de cento e cinqüenta metros acima do entroncamento rochoso contendo o painel principal do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada – se divide em dois braços, volta a assumir um curso único, após esse segundo bloco rochoso, contendo novos caracteres rupestres.

No entanto, o principal fator que tem contribuído para o desgaste dos caracteres que compõem esse conjunto rochoso é forma como o mesmo está disposto, completamente na horizontal, sem nenhuma proteção, sujeitos aos raios solares e à ação das chuvas, bem como das periódicas inundações do Rio Raposa.

Nesse imenso conjunto de blocos, nota-se que os primitivos executores dos caracteres rupestres utilizaram a técnica da raspagem simples com posterior polimento, o que deixa as marcas mais profundas. Nesses blocos, os caracteres absorvem forma e tamanhos variados.

A falta de visibilidade apresentada pelos caracteres dificulta a identificação precisa de seus contornos. Muitos desses caracteres já se encontram completamente desaparecidos. No entanto, os poucos que ainda podem ser identificados, atestam a dimensão desse imenso painel, onde mais de uma centena de grafismos ainda pode ser identificada.



Ilustração 72 - Aspectos do conjunto blocos rochosos contendo caracteres rupestres, localizado no meio do Rio Raposa, Ouro Branco, Rio Grande do Norte.



Ilustração 73 - Aspectos do conjunto de blocos rochosos contendo caracteres rupestres, localizado no meio do Rio Raposa, Ouro Branco, Rio Grande do Norte.



Ilustração 74 - Aspectos do conjunto de blocos rochosos contendo caracteres rupestres, localizado no meio do Rio Raposa, Ouro Branco, Rio Grande do Norte.

Durante o período chuvoso, em decorrência das precipitações pluviais, as águas do Rio Raposa passam na frente do painel principal, submergindo grande parte dos caracteres rupestres.

Por outro lado, a falta de sombra impõe ao blocos rochosos que formam o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, um constante processo de esfolheamento, em decorrência dos choques térmicos: durante o dia, altas temperaturas; à noite, uma queda brusca de temperatura. Esse processo contrai e dilata os blocos de pedras constantemente, produzindo perdas em suas camadas superiores, levando consigo, alguns caracteres rupestres.

Ilustração 75 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num conjunto de blocos, localizado no meio do Rio Raposa, Ouro Branco, Rio Grande do Norte.



Ilustração 76 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num conjunto de blocos, localizado no meio do Rio Raposa, Ouro Branco, Rio Grande do Norte.

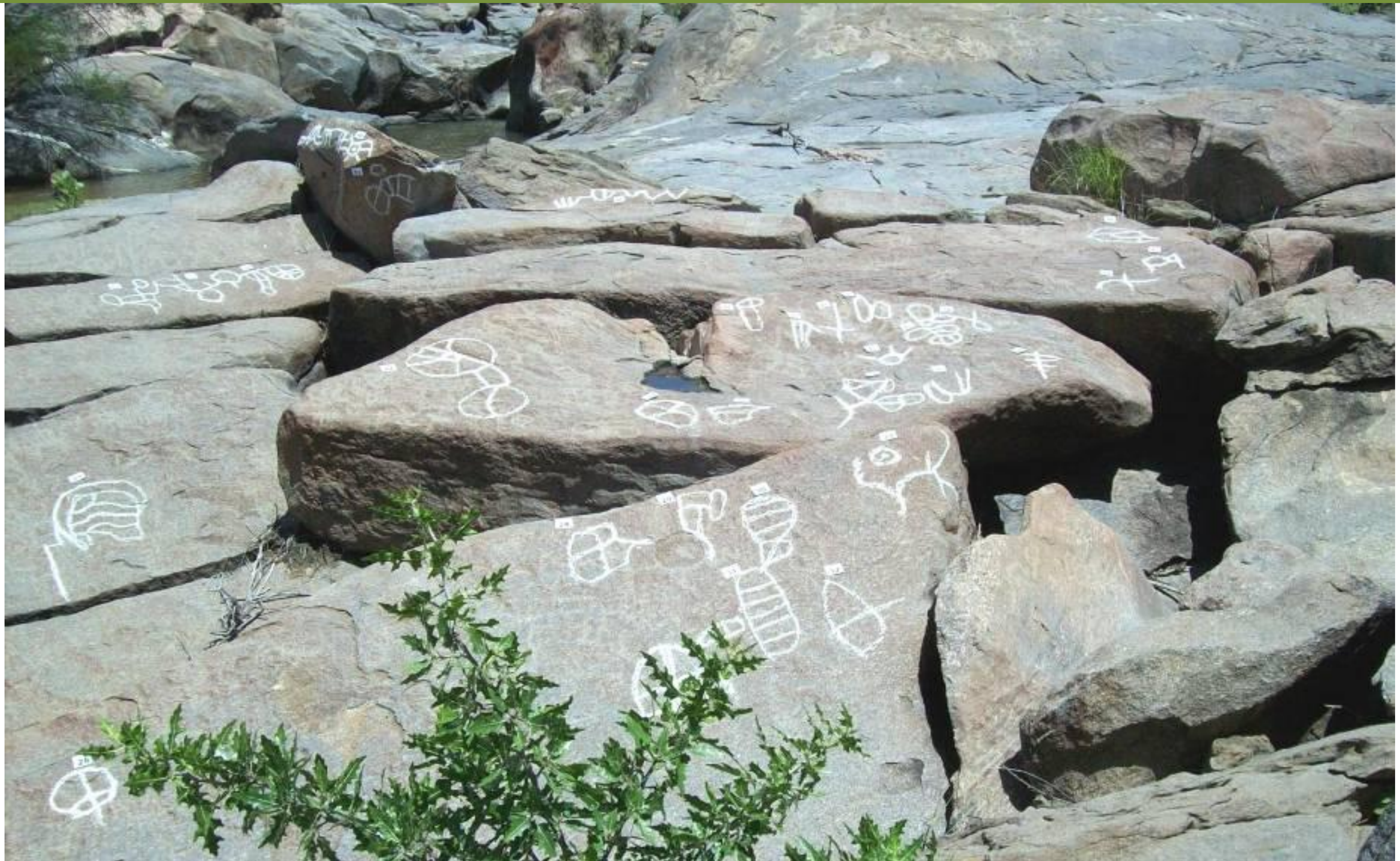


Ilustração 77 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num conjunto de blocos, localizado no meio do Rio Raposa, contornados para uma melhor visualização.

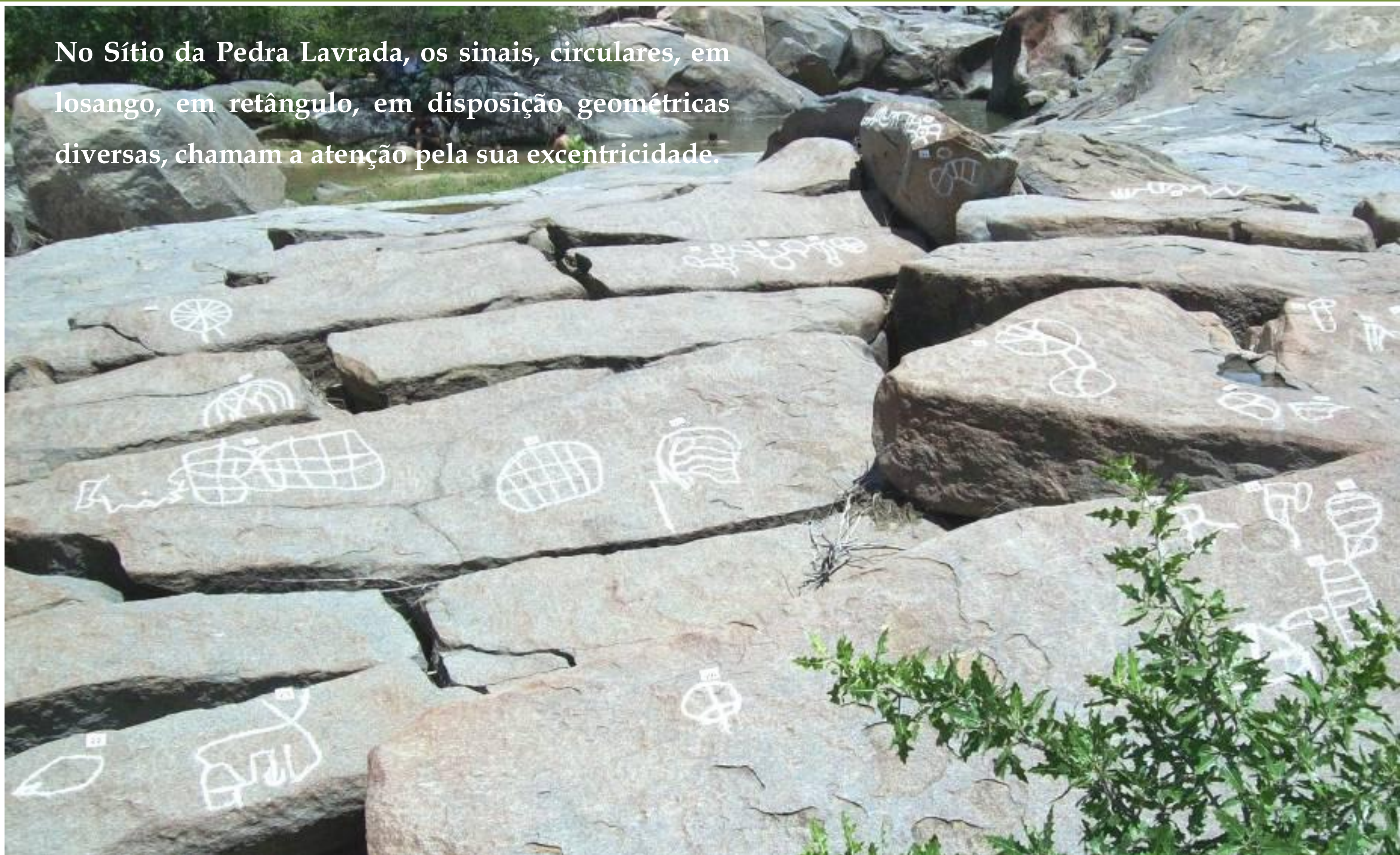
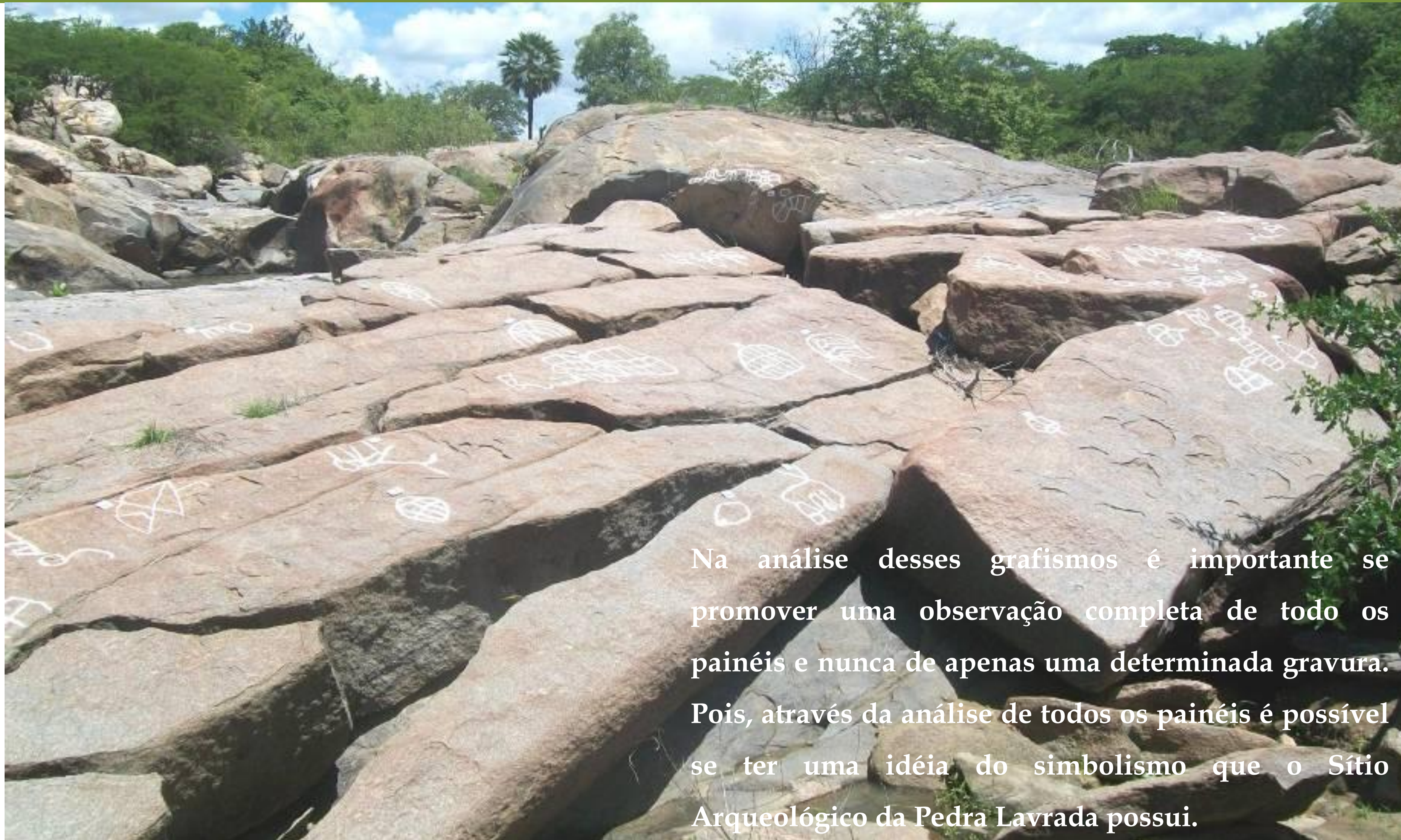


Ilustração 78 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num conjunto de blocos, localizado no meio do Rio Raposa, contornados para uma melhor visualização.



Na análise desses grafismos é importante se promover uma observação completa de todo os painéis e nunca de apenas uma determinada gravura. Pois, através da análise de todos os painéis é possível se ter uma idéia do simbolismo que o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada possui.

Ilustração 79 - Aspectos dos caracteres rupestres existentes num conjunto de blocos, localizado no meio do Rio Raposa, contornados para uma melhor visualização.



Ilustração 80 - Abrigo rochoso contendo vestígios de pintura rupestre. Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, Ouro Branco-RN.

O Sítio da Pedra Lavrada, de Ouro Branco, se apresenta com um corpus gráfico de gravuras. Cerca de dez metros ao norte, do bloco fragmentado acima descrito, existe uma 'tenda' de pedra, formada por dois blocos inclinados em sentido oposto, dando ao interior o formato de um triângulo. Nesse espaço, que possui uma base com quase 1,5 metros e uma altura máxima de 0,90 metros, existem vestígios dealgumas pinturas rupestres. Contudo, não apresentam boa visibilidade, impossibilitando a identifica de sua simbolização.



Ilustração 81 - Abrigo rochoso contendo vestígios de pintura rupestre. Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, Ouro Branco-RN



Ilustração 82 - Vestígios de pintura rupestre num abrigo rochoso, no Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, Ouro Branco-RN



Ilustração 83 - Vestígios de pintura rupestre num abrigo rochoso, no Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, Ouro Branco-RN

Quanto ao bloco fragmentado existente no meio do Rio Raposa, percebe-se que nele não houve superposições nos grafismos. O que aconteceu foi um desgaste natural do suporte, produzindo ao longo de vários anos. Contudo, ainda existem gravuras cujos contornos são bem definidos. No geral, as gravuras rupestres existentes nesse conjunto de bloco apresentam morfologia e temática semelhante. São gravuras de pés, tridígitos, retângulos, círculos e semi-círculos, que se repetem por toda a extensão, tanto na horizontal, quanto nas laterais dos blocos.

Como o Sítio da Pedra Lavrada ainda não foi devidamente estudado, não há como afirmar quantas gravuras compõem seus vários painéis. É importante ressaltar que embora possa parecer simples, o levantamento de um sítio arqueológico é algo complexo, constituindo-se numa tarefa que exigem além de formação teórica, uma grande vivência de campo. No que diz respeito à cronologia, com relação ao sítio da Pedra Lavrada, somente pode-se obter cronologias relativas, apenas sendo possível determinar quais os desenhos mais antigos e os mais recentes.

Os grafismos encontrados no Sítio da Pedra Lavrada, em Ouro Branco, possuem semelhança com as gravuras rupestres existentes no Sítio Arqueológico denomina Pedra Branca, no município de São Mamede, no Vale do Sabugi. É importante destacar, que:

> *Nessa região as inscrições rupestres são inúmeras. Não obstante, é unânime a presença de gravuras em baixo-relevo, que chamamos genericamente de itacoatiaras [...]. As inscrições dessa região ocorrem*

principalmente em painéis horizontais, decorando outeiros de grandes proporções quase sem deixar espaços livres. As gravuras são superficialmente sulcadas nos lajedos com polimento rústico no interior, cuja visualização só é possível devido à diferenciação cromática entre a superfície natural – já apresentando desgastes meteóricos, fixações orgânicas e oxidações – e o interior dos sulcos onde a rocha foi rejuvenescida pelo cinzel pré-histórico[17].

À semelhança de muitos outros sinais pictográficos do interior do Nordeste brasileiro, os grafismos da Pedra Lavrada de Ouro Branco foram insculpidos com apurada técnica. Mas, a quem atribuir tão perfeitos detalhes em rocha tão dura como o granito? Teriam sidos produzidos por uma comunidade pré-histórica, que deixou os vestígios de sua passagem, gravados nas duras rochas localizadas ao longo de nossos cursos d"água?

Seriam vestígios deixados por fenícios, como afirmou Ludovico Schwennhagen, pesquisador austríaco que visitou o Rio Grande do Norte, na década de 1920, copiando nossos caracteres rupestres e promovendo palestras?

Na concepção da professora e arqueóloga Gabriela Martin:

A tendência atual entre os arqueólogos é não interpretar as representações rupestres e sim apenas descrever o que há, o que se pode ver, procedendo-se a análise mais técnicas do que interpretativas, utilizando-se critérios técnicos que valorizam saber-se como grafismos foram realizados, quais os recursos matérias empregados e, principalmente, quais os grafismos que podem ser considerados como representativos de uma tradição rupestre determinada[18].

---

[17] BRITO, Wanderley. **Arqueologia na Borborema.** João Pessoa: JRC ED., 2008, pág. 108.
[18] MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 4 ed. Recife: EDUFPE, 2005, pág. 248.

O Seridó potiguar é rico em registros rupestres. São gravuras e pinturas, que assumem formas e tamanhos diferentes e encontram-se espalhadas por quase todos os municípios da região, em serras, penhascos, cursos d'água e em outros lugares. Dissertando sobre a característica temática das gravuras rupestres existentes no nordeste brasileiro, principalmente, ao longo da cordilheira da Borborema, o historiador e professor Wanderley de Brito, afirma que:

> *Não sabemos que razões impulsionaram estes gravadores a decorar exaustivamente tão extensos lajedos. De composição esdrúxula, estes tapetes pétreos de gravuras nos conduzem às mais profundas reflexões sobre o universo cabalístico de nossos ancestrais e, diante do testemunho de tão complexa cultura, que se precipitou na obscuridade, nos sentimos um epifenômeno completamente destituído de referencial*[19].

Sobre a origem dessas intrigantes gravuras existem várias teorias, inclusive, aquelas que escapam ao domínio da arqueologia e que afirmam serem tais caracteres, vestígios deixados por alienígenas que visitaram a Terra em remotas eras. No entanto, tais conjecturas não possuem embasamento científico e nem sustentação acadêmica. A arqueóloga Gabriela Martin, que já há vários anos vem estudando as gravuras e pinturas rupestres do interior nordestino, ressalta que:

> *São conhecidas as dificuldades de relacionar-se registros rupestres com a cultura material, identificadora dos grupos étnicos responsáveis, pois muitas e muitas vezes, as pinturas e, ainda mais, as gravuras*

[19] BRITO, Wanderley. **Arqueologia na Borborema.** João Pessoa: JRC ED., 2008, pág. 108.

rupestres, especialmente no Brasil, são a única variável visível que marca a presença humana e identifica sítios arqueológicos. Muitos deles foram pintados ou gravados, sem que as condições de permanência no local ou a escolha seletiva de rochas ao longo dos cursos d"água, ofereçam condições de se obter vestígios de cultura material factíveis de relacionamento seguros com os registros"[20].

O arqueólogo e professor e Valdeci dos Santos Júnior, do Departamento de História da UERN, abordando a distribuição dos registros rupestres no interior do Rio Grande do Norte, afirma que:

> *Ao observar o posicionamento espacial dos sítios arqueológicos com as gravuras rupestres, foi possível verificar uma predominância quase que absoluta de suas localizações espaciais juntos a cursos d"águas, tais como, leito e margens de rios, olhos d"águas, caldeirões, pequenos riachos e tanques naturais. A presença de gravuras rupestre distante de cursos de água é raríssima, limitada a abrigos e semi-abrigos rochosos localizados no alto das serras ou em matacões isolados em planícies*[21].

No entanto, é oportuno ressaltar que *"os primeiros conquistadores europeus ficaram perplexos ao encontrarem, pintados ou gravados nas rochas, símbolos cujo significado os índios brasileiros desconheciam e atribuíram a seres míticos sua confecção em remotíssimas eras. Aproximadamente quatro séculos após sua descoberta, certo mistério envolve ainda as inscrições rupestres brasileiras que os aborígines chamavam de ITAQUATIARAS"*[22]. Pois, essas *"itaquatiaras, virtualmente encontradas em todo o Brasil, ostentam inscrições gravadas ou pintadas e gravadas e pintada.*

---

[20] MARTIN, Gabriela. Op. cit., págs. 237-238.
[21] SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. **FUMDHAMentos VII**, 2009, p. 515-528
[22] FARIA, Francisco C. Pessoa. **Os astrônomos pré-históricos do Ingá**. São Paulo: IBRASA, 1987, pág. 19.

Estão situadas às vezes em locais comodamente atingíveis ou em lugares alcantilados de acesso penosíssimo. Em algumas são vistas figurações primitivas e em pequeno número, noutras, desenhos artisticamente elaborados em grandes painéis no interior de grutas ou a céu aberto".

Mas, quem foram os executores das gravuras rupestres do Sítio da Pedra Lavrada? A teoria mais aceita é que as inscrições rupestres existentes a miúde, principalmente, por todo o nordeste brasileiro, teriam sido obra dos indígenas, "*o que não quer dizer que tenham sido executadas, obrigatoriamente, pela população que os portugueses encontraram no Brasil no século XVI. Podem ter sido obra de grupos indígenas extintos ou que não mais habitavam o local à época do descobrimento*"[23].

No Sítio Riacho Verde, corre de boca em boca, que o entroncamento rochoso que contém o painel principal é 'oco' e seu interior habita uma jovem princesa de longos cabelos pretos, que costuma se banhar no Poço da Raposa, durante as noites de lua cheia.

Deixando de lado as narrativas da tradição local, tem-se que reconhecer que estudos apurados poderão determinar com as gravuras da Pedra Lavrada, em Ouro Branco, foram cavadas e polidas. Para a população local, tais gravuras foram talhadas com ferramentas de metal e que mesmo assim, seus autores levaram anos para produzi-las. Observadores mais apurados afirmam que aqueles caracteres foram produzidos a partir da percussão de pedra contra pedra. Por enquanto, a forma com esse conjunto de símbolos foi produzida, ainda encontra-se mergulhada no campo da pseudológica.

[23] ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos.** João Pessoa EDUFPB, 1979, pág. 23.



Ilustração 84 - Vestígios de caracteres rupestres no meio do Rio Raposo, Ouro Branco-RN (técnica da raspagem simples com posterior polimento)

Os grafismos rupestres tão comuns no sertão nordestino seriam uma escrita? São obras de arte pura ou símbolos mágicos? Há essas interrogações, são apresentadas várias respostas. Num estudo publicado em 1987, lê-se:

> *"- Que significariam os „hieróglifos" brasileiros? Seriam uma espécie de escrita que poder ser interpretada?*
> *Vários estudiosos admitem que sim.*
> *Para alguns são símbolos pictográficos: um círculo com uma coroa de raios significaria o Sol; uma linha sinuosa, como a nossa letra „S", representaria a serpente. Há escrita pictográfica quando o desenho (pictograma) não pretende significar nada mais que o objeto representado.*
> *Outros pesquisadores aceitam-nos como símbolos ideográficos: o círculo com coroa de raios não significaria o Sol, mas calor, luminosidade, o dia; „S" não mais indicaria a serpente, mas o perigo. Na escrita ideográfica, o grafismo (ideograma) não identifica concretamente o objeto representado, mas uma ideia afim.*
> *Um terceiro grupo de cientistas interpretam-nos como símbolos fonéticos: o círculo com raios não significa o Sol, nem o calor; o „S" não simboliza a serpente nem o perigo, mas teria um som, um valor fonético adotado convencionalmente entre seus usuários.*
> *Alguns poucos autores alegaram ter obtido traduções literais de alguns petróglifos brasileiros, vazados em caracteres alfabéticos gregos e fenícios. Hoje, admite-se que não houve escrita fonética pré-histórica no Brasil.*
> *A motivação do homem pré-histórica para pintar ou gravar suas figuras no interior de recônditas cavernas e em paredões rochosas a céu aberto – um fenômeno universal – também gerou muitas polêmicas entre os eruditos.*

Alguns especialistas acreditam numa intenção exclusivamente decorativa, estética – pura manifestação artística do homem primitivo [...][24]".

Atualmente, a explicação cientifica mais aceita acerca das gravuras ou petróglifos, localizados às margens de nossos cursos d'água, é de que os mesmos estão relacionados 'ao culto das águas'. Dentro dos defensores dessa corrente, encontramos a professora e arqueóloga Gabriela Martin, que assim se expressa:

> *É evidente que a maioria dos petróglifos ou itaquatiaras do Nordeste do Brasil, estão relacionados com o culto das águas. Muitas dessas gravuras nos fazem pensar em cultos cosmogônicos das forças da natureza e do firmamento. Possíveis representações de astros são freqüentes, assim como a existência de linhas onduladas que parecem imitar o movimento das águas. É natural que nos sertões nordestinos, de terríveis estiagens,* as fontes d"água fossem *consideradas lugares sagrados, mas o significado dos petróglifos e o culto ao qual estavam destinados nos são desconhecidos[25].*

No Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, as gravuras rupestres assumem diferentes formas simétricas, são retângulos gradeados, pontos capsulares agrupados, sobressaindo ainda no painel principal, círculos, contornos curvilíneos e outras formas não definidas. Alguns símbolos, atingem até 95 cm. Os pontos capsulares, formando conjuntos ordenados, possuem, em média, 1,5 cm de profundidade, enquanto que os

[24] FARIA, Francisco C. Pessoa. Op. cit., pág. 43-44.
[25] MARTIN, Gabriela. Op. cit., pág. 300.

sulcos que formam as gravuras, atingem em média 3 cm de largura, apresentando a mesma profundidade de 1,5 cm.

Como tais gravuras, em grandes painéis, encontram-se a céu aberto, estão sujeitas a ação do intemperismo e sofrem um processo contínuo de desgaste. O referido sítio já perdeu muitos dos primitivos sinais e um número considerável perdendo espessura e contornos. Outros, porém, apresentam-se tão somente resquícios.

Uma das formas de preservação que pode ser indicada para o referido sítio é o registro documental das gravuras. A modelagem do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, da superfície gravada, produzida por uma equipe de especialista, preservará para as gerações futuras, o que ainda resta do mencionado sítio arqueológico.

Lamentavelmente, apesar de seu grande valor arqueológico, o Sítio da Pedra Lavrada, em Ouro Branco, ainda não foi devidamente estudado. E, até alguns meses atrás era completamente ignorado pela imprensa e pelos pesquisadores potiguares. Atualmente, o referido sítio arqueológico vem sendo procurado por número crescente de curiosos, bem como por vários de grupos de alunos de Ouro Branco, graças ao incentivo e ao trabalho de Educação Patrimonial, desenvolvidos pelos professores José Francisco de Figueiredo e Luís Figueiredo.



Ilustração 85 – Parte do Rio Raposa, onde o curso é dividido em duas margens, Ouro Branco-RN.






Ilustração 86 – Parte do Rio Raposa, onde o curso é dividido em duas margens Ouro Branco-RN.



Ilustração 87 – Parte do Rio Raposa, onde o curso é dividido em duas margens Ouro Branco-RN.



Ilustração 88 – Leito principal do Rio Raposa, onde encontra-se o principal painel.

Após passar pelo entroncamento rochoso que contém o painel principal, o Rio Raposa novamente se ramifica: o leito principal segue em frente, enquanto que um secundário segue pela direita. Cerca de vinte metros a frente, o leito principal, pela esquerda, recebe as água de um secundário, que escorre sobre uma imensa plataforma de granito. E, após transpor o conjunto rochoso (contendo os caracteres rupestres) já abordado, poucos metros à frente, novamente absorve um curso único e assim segue até desaguar no Quipauá.






Ilustração 89 – Leito principal do Rio Raposa, onde o mesmo recebe o secundário esquerdo.









Ilustração 90 – Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada. Aspectos do curso secundário direito, do Rio Raposa, no município de Ouro Branco-RN.



Ilustração 91 – Parte do Rio Raposa, onde novamente seu curso é dividido em duas margens.



Ilustração 92 – Leito principal do Rio Raposa, após o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada.



Ilustração 93 – Leito secundário esquerdo do Rio Raposa, após o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada.



Ilustração 94 – Leito secundário esquerdo do Rio Raposa, após o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada.



Ilustração 95 – Parte do Rio Raposa, após o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada.

Às margens do braço esquerdo do Riacho da Raposa, uma série de „caldeirões" – nome dado às covas lisas e circulares erodidas na rocha – se forma, dando à paisagem um aspecto exótico. Essas depressões de diâmetros e profundidades variáveis vêm aumentando gradativamente ao longo de milênios.



Ilustração 96 - Marmitas existentes na parte do Rio Raposa, acima do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

O Riacho da Raposa, à semelhança dos demais da região, é temporário. Entretanto, quando chove em suas cabeceiras, um grande volume d"água desce, formando uma grande correnteza, cobrindo grande parte do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada. Apesar da aridez da região, o local onde se encontra o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, no município de Ouro Branco, é pitoresco. Juazeiros, carnaubeiras, angicos e baraúnas, sobrelevam-se no meio da caatinga, embelezando-a.



Ilustração 97 - Marmitas existentes na parte do Rio Raposa, acima do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada

O imenso bloco de rocha na horizontal, parecendo que foi tombado, apresenta ainda mais de 70 gravuras, que mesmo com baixa visibilidade, pode ser fotografadas e moldadas, quando, previamente contornadas.

No vizinho município de Jardim do Seridó também existe uma localidade com o nome ***'Pedra Lavrada'***, localizada às margens do Rio Seridó. Ali, também é possível se encontrar *"umas inscrições rupestres curiosas e que debalde se tem procurado decifrar. Dizem que o Imperador Pedro II, sabedor dessa curiosidade, incumbiu a um magistrado alagoano de procurar-lhe a explicação, mas esse erudito não acertou com o lugar das inscrições. A impressão é de que por aqui passaram pessoas pré-históricas, que deixaram inscrito naquelas pedras uns sinais dando a impressão de sua antiguidade muito afastada. Diferem muito essas inscrições das pinturas que se encontram noutras serras e serrotes do estado, feitas a tintas indeléveis [...] "*[26].

Reza a crônica local, que no Sítio Riacho Verde, a poucos quilometros do Sítio da Pedra Lavrada, de Ouro Branco, em 1956, seu proprietário, o senhor Celso Afonso, encontrou vários fósseis quando promovia a retirada dos sedimentos de um tanque de pedra formado entre dois lajedos. Informou o professor José Nilton de Azevedo, que *"para alguns pesquisadores, essa paleozoologia era de um rinoceronte, já para outros era de uma gigantesca tartaruga que existia na região do Seridó, no período da Pré-história. A interpretação é de que esse animal desceu para tomar água, porem não conseguiu subir, aí morreu e se petrificou"*[27]. Lamentavelmente, esse acesso paleontológico, patrimônio ourobranquense, foi subtraído sem a devida autorização dos órgãos competentes, despareceu completamente e ninguém sabe o seu paradeiro.

[26] AZEVEDO, José Nilton de. Op. cit. pág. 52-53.
[27] AZEVEDO, José Nilton de. Op. cit. pág. 52-53.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sítio arqueológico da Pedra Lavrada é uma imensa formação granítica, localizada no meio do Rio Raposa, no território do município de Ouro Branco-RN, já bem próximo aos limites com o Estado da Paraíba. O referido sítio é composto por inúmeras gravuras rupestres, onde pode-se perfeitamente determinar a existência de duas técnicas de execução de grafismos: a técnica da raspagem e a do picoteamento, apresentando algumas incisões com profundidades superiores a 3 cm.

Os diferentes espaços de elaboração dos caracteres, aliados à alternância de técnica em execução, leva a supor que as representações rupestres do Sítio da Pedra Lavrada, em Ouro Branco, foram produzidas por grupos pré-históricos distintos. Tal afirmativa encontra-se amparada pela temática de elaboração, onde encontramos alinhamento entre os grafismos puros, círculos gradeados, cupuliformes, elaboração de grafismos em lugares reservados, bem como, formas retangulares paralela.

Independentemente de existir ou não uma interpretação para as inúmeras gravuras rupestres do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, de Ouro Branco-RN, urge conservá-las a todo custo. Nesse sentido, são significativos e conscientes os esforços que vêm sendo desenvolvidos pelo ativista cultural Genildo da Silva Medeiros e pelos professores José Francisco e Luís Figueiredo, em prol da divulgação e da preservação desse grande e valioso patrimônio arqueológico e cultural ourobranquense.

À semelhança de muitos outros grafismos do interior do nordeste, as gravuras rupestres de Ouro Branco, são, "*sem dúvida, uma fonte inesgotável de informações antropológicas e podem e devem ser estudados sob vários aspectos, o etnológico, o estatístico, o cronológico ou como formas de apresentação e de comunicação e também como processo de desenvolvimento artístico e das faculdades estéticas humanas*".

A análise múltipla destas gravuras proporcionará respostas também múltiplas, permitindo que a sociedade atual tenha um maior conhecimento da sociedade pré-histórica que o realizou tais representações.

No caso específico do Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada, o mesmo é uma patrimônio pertence ao acervo arqueológico e etnográfico do Seridó norteriograndense, onde, praticamente em todos os municípios, é possível encontrar sítios arqueológicos, repletos de pinturas e gravuras, muitos dos quais já foram estudados e catalogados por pesquisadores da UFRN e da UERN.

O Sítio arqueológico da Pedra Lavrada pode ter uma utilização turística. Trata-se de um acervo rupestre valioso, pertencente à Tradição Itacoatiara. No entanto, para que tenha uma utilização turística é necessária a adoção de algumas medidas de proteção, observando as determinações legais.

No centro do painel principal há um grande complexo geométrico, que constitui os grafismos de maior visibilidade. A área que contém esse painel pode ser aberta à visitação no futuro. No entanto, é necessário fazer algumas recomendações sobre seu uso para fins turísticos, evitando-se também que durante período chuvoso ou em qualquer outra época do ano, o poço que se forma na base do paredão rochoso seja utilizado por banhistas, como vem ocorrendo.

Como o Sítio da Pedra Lavrada está localizado numa área aberta e se encontra completamente exposto às ações antrópicas negativas, é necessário que para o mesmo seja imediatamente desenvolvidas ações visando a sua proteção. Enquanto um projeto nesse sentido não for desenvolvido, deve-se, pelo menos, promover-se a Educação Patrimonial através de palestras promovidas nas escolas da rede pública de ensino do município, visando conscientizar os diferentes segmentos da sociedade ourobranquense quanto à necessidade de ser tão valioso patrimônio arqueológico.

Deve-se pensar na proteção total do sítio, evitando-se as chamadas ações antrópicas negativas. Assim, para evitar danos ao patrimônio arqueológico, bem como impactos no meio ambiente, a referida área pode ser transformada em Parque Arqueológico Municipal, ou ainda, numa Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Isto porque o Sítio Arqueológico da Pedra Lavrada é um monumento de um passado bastante remoto. Cabe a todos ourobranquenses resguardá-lo para melhores estudos. Pois, constitui-se no mais importante conjunto de vestígios deixado pelos primitivos habitantes do município.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos.** João Pessoa EDUFPB, 1979,

AZEVEDO, Carlos Alberto. **Sítios arqueológicos de Santa Luzia - PB**. Brasília: Senado Federal; João Pessoa: IPHAEP, 2004.

AZEVEDO, José Nilton de. **Um passo a mais na história de Jardim do Seridó**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BELTRÃO, Maria. A arqueologia e a Caatinga. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 28, fev. 1995.

BRITO, Wanderley. **Arqueologia na Borborema.** João Pessoa: JRC ED., 2008.

______. A Pedra do Ingá: Itacoatiaras na Paraíba. 2 ed. João Pessoa: JRC ED., 2008.

CABRAL, Elizabeth Mafra; NASSER, Nássaro R. Souza. Informação sobre Inscrições Rupestres no Rio Grande do Norte. Coleção Mossoroense. Série B , N.º 936. UFRN: Natal, 1991.

CÂMARA, Anfilóquio. **Cenários municipais (1941-9142)**. Natal: Departamento Estadual de Estatística, 1943.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra**. Natal: Fundação José Augusto, 1968).

DANTAS, Dom José Adelino. **Homens e fatos do Seridó antigo**. Garanhuns: O Monitor, 1962.

DANTAS, José de Azevêdo. **Indícios de uma civilização antiqüíssima.** João Pessoa: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura/Fundação Casa de José Américo/IHGPB/A União, 1994 (Biblioteca Paraibana, n. XI).

FARIA, Francisco C. Pessoa. **Os astrônomos pré-históricos do Ingá**. São Paulo: IBRASA, 1987.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUIDON, Niéde. Da Aplicabilidade das Classificações Preliminares na Arte Rupestre. **Revista do Curso de Mestrado em História. CLIO**, n. 5, p. 114-128, UFPE: Recife, 1982.

______. Métodos e Técnicas para a Análise da Arte Rupestre Pré-Histórica. Cadernos de Pesquisa. Série Antropologia III, n. 4, UFPI: Teresina,1985.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960, v. XVII.

LAMARTINE, Osvaldo. Índice Geográfico das Inscrições Rupestres no Rio Grande do Norte. **Boletim Bibliográfico**. Nº 130-135, Mossoró-RN, 1960.

LIMA, Clóvis. As itacoatiaras de Ingá**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 12. João Pessoa: Teone, 1953.

MARTIN, Gabriela. Os sítios rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte. No Contexto do Povoamento da América do Sul. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. **FUMDHAMENTOS. Revista da Fundação Museu do Homem Americano**, n. 1, p. 339-346. Brasil: São Raimundo Nonato-PI, 1996.

______. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 4 ed. Recife: EDUFPE, 2005.

MASCARENHAS, João de Castro. Diagnóstico do município de Ouro Branco, estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. (Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea).

NÓBREGA, Trajano Pires da. **A família Nóbrega**. Biblioteca Genealógica Brasileira, vol. 8. Rio de Janeiro: Instituto Genealógico Brasileiro, 1958.

OCTÁVIO, José. (org.). **A Paraíba das origens à urbanização**. João Pessoa: UFPB/FUNAPE/FJA, 1983.

PESSIS, Anne-Marie. Método de análise das representações rupestres. **Cadernos de Pesquisa**. Série Antropologia II, n. 3, p. 11-39, UFPI: Teresina: 1983.

______. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v. 1, n. 6, p. 44, maio 1992. Série arqueológica.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. **FUMDHAMentos**, v. 8. p. 515-528, 2009.

SANTOS, José Ozildo dos. **Contribuição à história do município de Ouro Branco-RN**. Patos: Soluções & Escritos, 2011.

SOUZA, Maurina Sampaio; MEDEIROS, Osmar. **Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte**. Natal: PRAEU/Museu Câmara Cascudo, 1982. (Col. Textos Acadêmicos, ano 2, n. 214).

SOUZA, Oswaldo Câmara de. **Acervo do Patrimônio histórico e artístico do Rio Grande do Norte**. Natal: IPHAN, 1981.

TAVARES, João de Lyra. **Apontamento para a história territorial da Parahyba.** Edição fac-similar. Coleção Mossoroense, vol. CCXLV. Brasília: Senado Federal, 1982.

TAVARES, Padre Eurivaldo Caldas. **Itinerário da Paraíba católica**. (Coleção IV Centenário). João Pessoa: Governo do Estadoda Paraíba; Campina Grande: GRAFSET, 1985, pág. 70-71).

ANEXOS



Estado do Rio Grande do Norte

Câmara Municipal de Ouro Branco

Edifício Coronel João Medeiros

Rua Tenente Manoel Cirilo, 345 - Centro

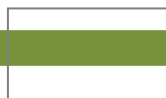
Requerimento N° 012/2010

EXCELENTISSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CAMARA DE VEREADORES DE OURO BRANCO/RN

Requeiro à Vossa Excelência, ouvido o Plenário desta Câmara de Vereadores, o encaminhamento de ofício ao Presidente da Fundação José Augusto, na Capital Potiguar, bem como, ao Magnífico Reitor da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte e IPHAN, comunicando aos retromencionados órgãos de pesquisas, estudos e registros arqueológicos, acerca da descoberta de um Sítio Arqueológico em nosso município, podendo ser localizado no lugar denominado Sítio Pedra Lavrada, Comunidade São Roque, com a seguinte georeferência – Latitude: 06°44'20''6580; Longitude: 36°51'55''0140; Altitude: 223, fotos em anexo, solicitando à referidas instituições, apoio técnico, legal, enfim, ação de pesquisadores, estudos e possível inclusão de supramencionada área de incisões rupestres para comunidade científica de nosso Estado e valorização de nosso município.

Plenário, 08 de novembro de 2010

Genildo da Silva Medeiros
VEREADOR







Estado do Rio Grande do Norte
Câmara Municipal de Ouro Branco
Edifício Coronel João Medeiros
Rua Tenente Manoel Cirilo, 343 - Centro

Projeto de Lei nº 002/2010

TOMBA COMO INTEGRANTES DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL NO MUNICIPIO, OS PRÉDIOS: MERCADO PÚBLICO E PREFEITURA MUNICIPAL, AMBOS NA CIDADE DE OURO BRANCO-RN, NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRAM, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Art. 1°- Ficam tombados como integrantes do Patrimônio Histórico-Cultural, nos termos da *Constituição Federal, art. 216, pelo relevante valor histórico e por apresentarem fachadas e demais características da arquitetura dos anos 50, os respectivos prédios: Mercado Público e Prefeitura Municipal, respectivamente denominados: Luiz Paulino e Palácio José Izaias de Lucena, na forma em que se encontram, ambos localizado na Av. Manoel Correia, na cidade de Ouro Branco-RN.*

Art. 2° - A Secretaria de Meio Ambiente formalizará a devida inscrição dos prédios qualificados no *caput* do artigo **1°** no Livro Tombo dos Bens Culturais deste município, no prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da publicação desta norma.

Art. 3° - O Poder Executivo, via secretaria própria, deverá estabelecer os atos necessários à devida conservação dos bens ora tombados, bem como, tornar público e notório sobre a obrigatoriedade de reconstrução, acaso surjam demolições não autorizadas ou sinistros, devendo embargar obras de restauração, reformas ou acréscimo não autorizados, devendo, ainda, manter as características originais de ambos os prédios.

Parágrafo Único – Tão logo seja efetivado o Tombamento dos edifícios mencionados no caput acima, o Poder Executivo está autorizado a destinar recursos e autorizar obras de restauração ou reedificação dos supramencionados prédios históricos, desde que não alterem suas características arquitetônicas.

Art. 4° – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

JUSTIFICAÇÃO

O patrimônio histórico e cultural de nosso município necessita, sobremaneira, crescer e apresentar-se protegido por lei municipal.

Ano passado esta Casa Legislativa deu o primeiro passo neste sentido, quando aprovou lei específica criando o Livro Tombo dos Bens Culturais deste município, bem como, tombando diversas árvores antigas e de valor histórico de nossa cidade, dentre outras ações impostas pela norma específica, a exemplo da obrigatoriedade da Secretaria do Meio Ambiente em notificar o Cartório de Registro de Imóveis local e proprietários particulares, a fim de que sejam tomadas as providencias legais atinentes à proteção do patrimônio ambiental de nosso município.

Desta feita, estamos dando o terceiro passo, alcançando elemento importantíssimo de nosso patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, partes essenciais da história passada de nossa cidade, últimos edifícios que guardam características preservadas das construções antigas; enfim, está o Poder Legislativo entregando ao Poder Executivo e à sociedade ouro-branquense, nova lei específica, no sentido de preservar a estrutura arquitetônica do "Mercado Público", antigo clube de dança de nossa cidade, bem como, da Prefeitura Municipal, a qual tem em sua denominação o nome do grande mestre de obras de nosso município: José Izaias de Lucena, que muito zelou pelas características de construções belas e antigas que embelezam mencionados prédios públicos.

Por derradeiro, com fulcro no artigo 216 da Constituição Federal e demais artigos da Constituição Municipal, *in verbis,* justifica-se a formalização, apresentação e votação desta norma, a qual, em sendo aprovada, será encaminhada para apreciação do Poder Executivo deste Município:

Art. 143 - O Município estimulará o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura, observado o disposto na Constituição Federal.

§ 4° - *Ao Município cumpre proteger* os documentos, as obras *e outros bens de valor histórico, artístico e cultural (grifos do autor do Projeto de Lei)*, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e sítios arqueológicos.

Art. 147 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, *impondo- se ao Poder Municipal e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações (grifo do autor do Projeto de Lei).*

III - *definir espaços territoriais do Município e seus componentes a serem especialmente protegidos (grifo do autor do Projeto de Lei)*, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção;

Sala das Comissões, 13 de março de 2010

Genildo da Silva Medeiros
VEREADOR



Estado do Rio Grande do Norte
Câmara Municipal de Ouro Branco
Edifício Coronel João Medeiros
Rua Tenente Manoel Cirilo, 345 - Centro

Projeto de Lei nº 008/2009

TOMBA ARVORES NA CIDADE DE OURO BRANCO/RN E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

Art 1º - Ficam tombadas por seu valor histórico, bem como pelas condições fitossanitárias, localização e área de projeção de copa livre, as árvores existentes no Município de Ouro Branco/RN, especificamente na zona urbana, conforme seguinte relação e qualificação:

I – Conjunto de algarobas *(Prosopis julifora)* localizado nos canteiros da Rua Tenente Manoel Cirilo, parte oeste da cidade, especificamente as situadas nos canteiros do lugar mais conhecido por "Rua de Baixo";

II – Cinco algarobas *(Prosopis julifora)* localizadas na Rua Presidente Castelo Branco, centro, situadas especificamente ao lado direito (frente pro observador) do Colégio Estadual Manoel Correia;

III – Uma Oiticica (Licania rígida) localizada as margens do Rio Quipauá, próximo a ponte que fica na RN 089, lado direito, sentido Ouro Branco/RN - Varzea/PB;

IV – Duas Oiticicas (Licania rígida) localizadas próximo as margens do Rio Quipauá, ao lado direito da RN 089, sentido Ouro Branco/RN - Varzea/PB, especificamente plantadas em terreno da Prefeitura Municipal, atualmente cedido ao empreendimento de olaria, sob a responsabilidade do Senhor Francisco das Chagas de Medeiros;

V – Uma figueira *(arvore do gênero ficus)* localizada na Rua Professor Izaias, centro, próximo à sede da Prefeitura Municipal, defronte a residência do proprietário Francisco de Assis Silva;

VI – Uma Craibeira *(Tabebuina caraiba)* localizada na propriedade de Ismael Genaro de Souto, às margens do Rio Quipauá, nesta cidade, após o corredor citado nesta lei;

VII – Um Juazeiro *(Ziziphus joazeiro)* localizado na Rua Valentim Lopes, defronte à residência de Paulo Souto, mais conhecido por "Paulo de Manoel Magro" e

VIII – Nove Oiticicas (Licania rígida) localizadas no corredor que fica próximo as margens do Rio Quipauá, parte oeste da cidade, acesso ao Sítio Poção, dentre outras comunidades, **sendo 06 (seis) Oiticicas ao lado esquerdo,** divisa da propriedade de Francisco Lucena de Araújo Filho com terreno público (estrada carroçável) e **03 (três) Oiticicas ao lado direito**, divisa da propriedade de Ismael Genaro de Souto com terreno público (estrada carroçável).

Art 2º - O poder executivo deverá criar comissão no âmbito da Secretaria de Meio Ambiente, a qual terá como principal função, analisar e emitir parecer sobre pedidos e/ou indicações de tombamento de arvore, posterior ao definido por esta norma, sem prejuízo das respectivas atribuições:

I – Submeter ao Secretário de Meio Ambiente os pareceres conclusivos a respeito da procedência ou não do tombamento em questão;

II – Solicitar esclarecimentos e/ou informações técnicas de profissionais habilitados no estudo de botânica ou de quaisquer pessoas ou instituição governamental ou não, a fim de cumprir melhor o desempenho de mencionada atividade e

III – Formalizar e apresentar, semestralmente, informações ou relatórios escritos a respeito das condições ou da realização de algum trabalho no sentido de manter íntegras e saudáveis as arvores tombadas.

Art 3º - O poder executivo deverá instituir, salvo ja não o tenha criado e registrado, sob coordenação da Secretaria de Administração, Livro Tombo dos Bens Culturais deste município, no prazo de 30 dias a contar da data de publicação desta norma, no qual serão inseridos Termos de Tombamentos de Arvores, dentre outros tombamentos, podendo, referidos lançamentos, ser formalizado digitalmente.



§ **1°** - A árvore tombada deverá receber placa de identificação, devendo o poder executivo realizar melhorias paisagísticas, quando as espécies tombadas forem localizadas em praças públicas;

§ 2° - A Secretaria de Meio Ambiente, em consonância com a Secretaria de Administração deverá notificar ou informar, via ofício, o cartório de Registro de Imóveis, no prazo de 30 dias decorridos do registro no Livro de Tombamento, objetivando averbação e registro do tombamento das arvores mencionadas nos incisos dispostos no Art 1°.

§ 3° - A Secretaria de Meio Ambiente, em consonância com a Secretaria de Administração deverá notificar ou informar, por escrito, aos particulares, quando o tombamento recair sobre arvores plantadas em cercas, tapumes ou quaisquer divisórias envolvendo aqueles.

Art 4° - A partir da publicação desta norma as arvores acima relacionadas estarão imunes ao corte.

§ 1° - Qualquer árvore do município poderá ter sua declaração de imunidade ao corte, mediante ato do executivo municipal, por seu valor histórico, cultural e científico, antiguidade, raridade, interesse paisagístico, bem como, por sua condição de porta-sementes;

§ 2° - Qualquer interessado capaz terá o direito de solicitar declaração de imunidade ao corte de uma arvore ou conjunto de espécie arbórea, o que será efetivado por meio de requerimento escrito, dirigido ao executivo municipal, devendo em mencionado expediente, ser informado a localização, qualificação da arvore e motivação do pedido.

Art. 5° - A pessoa física ou jurídica, inclusive as de direito publico interno, responderão criminalmente acaso sejam flagradas ou identificadas arrancando, cortando ou danificando as arvores ora tombadas e as tombadas posteriormente, devendo as autoridades ser informadas de tais atos lesivos, inclusive o Ministério Publico.

Art 6° - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

JUSTIFICAÇÃO

A história de uma sociedade se faz, necessariamente, com registros do passado. Nosso município necessita, sobremaneira, de legislação específica no sentido de preservarmos e registrarmos os elementos, inclusive os naturais, a fim de que possamos constituir o patrimônio histórico de nossa cidade.

O patrimônio histórico de nossa cidade é formado por monumentos, prédios, bem como, por árvores que constituirão o patrimônio ambiental. Assim agindo deixaremos registros de nossos caminhos, de nossa flora, enfim, de nosso convívio com a natureza.

Por outro vértice, necessitamos legislar e executar normas, pois, se assim não o fizermos, nós que constituímos o poder publico, dificilmente receberemos tal iniciativa, organizada, padronizada por ação particular.

Por derradeiro, com fulcro no **artigo 7° da Lei Federal 4.771/65 (Código Florestal)** e *demais normas dispostas no regimento interno de Câmara de Vereadores, na Lei Orgânica Municipal e na Constituição Estadual,* fundamentamos e justificamos a formalização, apresentação e aprovação desta norma, a qual será encaminhada e apreciada pelo Poder Executivo.

Sala das Comissões, 15 de maio de 2009

Genildo da Silva Medeiros
VEREADOR